



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL**

**MARTHA AURÉLIA MOREIRA DE MELO**

**ANÁLISE DO EIXO ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: UMA  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

**FORTALEZA - CEARÁ**

**2024**

MARTHA AURÉLIA MOREIRA DE MELO

ANÁLISE DO EIXO ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: UMA  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras em Rede Nacional. Área de Concentração: Linguagens e Letramento.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Pereira  
Lima

FORTALEZA - CEARÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

---

Melo, Martha Aurelia Moreira de.

Análise do eixo oralidade no livro didático de português:  
uma proposta de intervenção [recurso eletrônico] / Martha  
Aurelia Moreira de Melo. - 2024.

82 f. : il.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual  
do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Profissional  
Em Letras Rede Nacional, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Pereira Lima.

1. oralidade. 2. livro didático. 3. gênero textual. 4.  
ensino.. I. Título.

MARTHA AURÉLIA MOREIRA DE MELO

ANÁLISE DO EIXO ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: UMA  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras em Rede Nacional. Área de Concentração: Linguagens e Letramento.

Aprovado em: 01 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Pereira Lima (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica de Sousa Serafim  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suelene Silva Oliveira  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Agradeço a Deus por sempre me ofertar oportunidades como esta com a qual eu tanto sonhei e desejei um dia realizar, imaginando que seria impossível chegar até aqui, diante de tantos desafios e afazeres do dia a dia que nos mantêm ocupados a cada segundo de vida. Gratidão por me conduzir até aqui, Senhor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar-me nos caminhos dos estudos e sempre me conduzir pelos melhores caminhos, sob sua proteção, mesmo diante de toda e qualquer adversidade da vida.

À Nossa Senhora de Fátima que sempre esteve ao meu lado e é para mim grande exemplo de mulher, de amor, fé e caridade. Ela sempre me acompanha e apresenta seus sinais. Não foi à toa que minha classificação foi 13º lugar ao ser aprovada na seleção para este curso, mesmo tendo apenas 12 vagas, conforme o edital publicado.

Aos meus pais, Marcos Aurélio e Martha Eugênia, por sempre estarem preocupados em oferecer-me a melhor educação e o incentivo para trilhar novos caminhos e superar os grandes desafios com honestidade, perseverança, determinação, fortaleza, caráter e fé.

Aos meus irmãos, Eugênia Aurélia, Hefigênia Aurélia e Raimundo Marcos pelo apoio, mesmo que distante fisicamente, mas com o coração sempre por perto.

À minha amada filha, Maria Teresa, a quem me dedico dia e noite sem cessar e não me canso de servir e de esforçar-me para dar o melhor exemplo possível de mãe, de profissional, de ser humano e de estudante.

Ao meu amado esposo José Julián, gratidão, porque silenciosamente, com calma e muita paciência, soube esperar, acolher, acompanhar, colaborar durante todo esse processo de estudo árduo ao conciliar trabalho, estudo, família, casa, escola, filho, toda uma rotina.

A todos os meus familiares e amigos (as) que, de forma direta e indireta, contribuíram para a minha trajetória até aqui com suas orações, clamores e bênçãos.

Aos meus mestres e professores desde a tenra infância, passando pelo ensino fundamental, médio até chegar à universidade que souberam me ensinar com sua didática e com seu afeto, cada um com seu profissionalismo, com sua competência e com sua dedicação. Obrigada mestres e mestras, queridos (as). Mestres inesquecíveis!

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Pereira Lima, que aceitou orientar-me e cumpriu com seu dever de forma exemplar com muita paciência e dedicação, sempre muito prestativa e acolhedora soube conduzir com maestria a orientação deste trabalho tão árduo para mim.

Aos meus colegas e amigos da turma 7 do PROFLETRAS – UECE (Eveline, Danyelle, Djane, Eduardo, Elton, Joyce, Maria Júlia, Suely, Triciana, Valdiana e Sandro), pelo companheirismo e união, pela solidariedade e comunhão de saberes, pela dedicação e determinação em cada etapa do curso, sempre juntos, sem deixar nenhum (a) colega para trás.

Aos nossos mestres e mestras por todo empenho e esforço para fazer chegar até nós o conhecimento da forma mais plena e que suportássemos as dificuldades sem jamais desistir da caminhada por maior e mais árdua que fosse.

Às professoras Dra. Abniza Pontes de Barros Leal e a Dra. Elaine Cristina Forte Ferreira pela aceitação em participar da banca e pela colaboração em tornar meu trabalho melhor com suas contribuições valiosíssimas na qualificação do meu projeto.

À toda equipe de trabalho da escola, em especial à gestão escolar, em nome da diretora Antônia Cleonice Brito e de todos que de uma forma ou de outra colaboraram para a concretização deste trabalho com compreensão, motivação, incentivo, empatia, entendimento e solidariedade diante de um trabalho acadêmico que contribuirá para a escola futuramente.

Ao Programa PROFLETRAS e ao MEC pela iniciativa e incentivo aos professores (as) da Educação Básica tanto da rede estadual, quanto da rede municipal, dando a oportunidade de qualificação a milhares de professores Brasil a fora.

À UECE, que desde a graduação, abriu as portas para mim, até eu chegar à pós-graduação, mesmo no formato virtual devido à pandemia, permitindo que essa experiência se tornasse realidade e com a excelência que lhe compete como uma instituição pública estadual séria e comprometida com a educação superior da melhor qualidade.

Gratidão a todos (as).

## RESUMO

Compreende-se que a prática da oralidade deve ser contextualizada, trabalhada numa abordagem funcional da língua, em um contexto de práticas de linguagem que são necessárias. Por esta razão, essa questão implica reflexões que envolvem as concepções de língua e de linguagem, em que os gêneros orais, o livro didático e o ensino encontram-se em uma perspectiva interacionista e isso pode impactar diretamente na condução da prática docente. Neste trabalho, alia-se o ensino da oralidade na perspectiva sociointeracionista ao uso do livro didático, como consta a mesma nomeação na capa do próprio livro do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, principal material didático de trabalho de professores e recurso didático disponível e acessível de conhecimentos formais de estudantes da escola pública. Propõe-se analisar as atividades do livro didático de língua portuguesa no eixo oralidade e verificar a potencialidade dos gêneros orais nestas atividades propostas presentes na seção “Na trilha da oralidade”, no livro didático do 7º ano do ensino fundamental, à luz da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e do Documento Curricular Referencial do Ceará – Fortaleza - DCRC-For, com o intuito de oferecer ao professor uma opção a mais entre as poucas opções de material didático quando se fala da modalidade oral. Pretende-se analisar os gêneros textuais propostos pelo livro didático para o trabalho com a oralidade observando sua composição; relacionar os exercícios propostos pelo livro didático, as orientações prescritas no manual didático do professor e as orientações dos documentos norteadores; propor um roteiro pedagógico sobre podcast na escola sugerindo atividades e o uso desse gênero discursivo oral que contemplam o eixo da oralidade na prática escolar da Educação Básica. Dessa forma, acreditamos contribuir com o ensino da oralidade em sala de aula de Língua Portuguesa construindo uma proposição didática para auxiliar na prática do professor, o produto é um roteiro de elaboração de um *podcast* e algumas atividades aliando este gênero de predominância oral com o uso da tecnologia, o que é algo atual que os estudantes adolescentes reconheçam no cotidiano em suas realidades atuais e nota-se o uso frequente na sociedade. Além disto, há um projeto sobre oralidade intitulado: A oralidade para além da sala de aula de Língua Portuguesa. O arcabouço teórico alicerça-se nos teóricos da Linguística textual (Marcuschi, 2010; Koch, 2007, 2008), o estudo dos Gêneros Oraís na escola (Dolz; Schneuwly, 2004) e sobre a Oralidade (Ferreira, 2014), (Antunes, 2003); (Fávero, 2007); (Ramos, 1997) e (Travaglia, 2013) os quais trazem pensamentos e reflexões importantes que colaboram no discurso pertinente para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, cooperam para o desenvolvimento da prática da oralidade por meio das atividades propostas

no livro didático de forma crítica e reflexiva, na construção do manual didático um roteiro de elaboração de *podcast*, juntamente com um projeto sobre oralidade. Portanto, conclui-se que é possível ao professor desenvolver atividades com o livro didático de português e para além do livro didático valorizando a modalidade oral da Língua Portuguesa por muitos anos esquecida e desvalorizada.

**Palavras-chave:** oralidade; livro didático; gênero textual; ensino.

## ABSTRACT

It is understood that the practice of speaking must be contextualized, worked on a functional approach to language, in a context of linguistic practices that are necessary. Therefore, this topic involves reflections that involve the conceptions of language and language, in which oral genres, textbooks and teaching are found in an interactionist perspective and this can directly impact the conduct of teaching practice. In this work, the teaching of orality from a socio-interactionist perspective is combined with the use of textbooks, as stated in the same name on the cover of the PNLD Program book itself, the main teaching material for teaching work and a teaching resource available and accessible for students' formal knowledge. To do this, it is proposed to analyze the activities of the Portuguese language textbook in the axis of orality and raise reflections on the activities and uses of oral genres in these proposed activities, in the light of the BNCC and DCRC-For, verifying the present potentialities. in the book Teaching Material of the Portuguese Language, with the aim of offering the teacher one more option, among the few options for teaching material when talking about the oral modality. In this way, we must contribute to the teaching of orality in the Portuguese language classroom through the construction of a didactic proposal that helps the teacher's practice. The product is a script for the creation of a podcast and some activities that combine this predominantly oral genre with the use of technology, something that adolescent students recognize every day in their current realities and that is frequently used in society. In addition, there is also a project on orality titled: Orality beyond the Portuguese language classroom. The theoretical framework is based on theorists of Textual Linguistics (MARCUSHI, 2010; KOCH, 2007, 2008), the study of Oral Genres in school (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) and Orality (FERRERIA, 2014), ( ANTUNES, 2003). ; (FÁVERO, 2007); (RAMOS, 1997) and (TRAVAGLIA, 2013) which bring important thoughts and reflections that contribute to the relevant discourse for the development of this work. In addition, they cooperate to develop speaking practice through the activities proposed in the textbook in a critical and reflective manner, in the construction of the teaching manual, a script for the development of a podcast, along with a project on speaking. Therefore, it is concluded that it is possible for the teacher to develop activities with the Portuguese textbook and beyond the textbook, valuing the oral modality of the Portuguese language that has been forgotten and undervalued for many years.

**Keywords:** Orality. Textbook; textual genre; teaching.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>QUE ORALIDADE DEFENDEMOS? .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>O que é oralidade? .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>Os gêneros .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>Oralidade na escola.....</b>	<b>31</b>
<b>2.4</b>	<b>Oralidade no livro didático.....</b>	<b>36</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>Métodos de abordagem .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Instrumentos de pesquisa .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3</b>	<b>Corpus.....</b>	<b>44</b>
<b>3.4</b>	<b>Procedimento de análise.....</b>	<b>44</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DAS ATIVIDADES ORAIS PROPOSTAS NO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>PROPOSIÇÃO:MANUAL DIDÁTICO .....</b>	<b>57</b>
<b>5.1</b>	<b>Roteiro de elaboração de <i>podcast</i> .....</b>	<b>58</b>
<b>5.2</b>	<b>Atividades propostas na modalidade oralidade .....</b>	<b>62</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino da oralidade vem se tornando cada dia mais presente nos documentos oficiais que regem as leis e estabelecem os parâmetros da educação brasileira. Tais documentos tratam do aspecto da oralidade da Língua Portuguesa que se fazem presentes no cenário brasileiro por volta do ano de 1998 com a criação e a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'-s) (BRASIL, 1998), produzidos pelo Governo Federal. Os PCNs—são uma coleção de documentos que orientam a sistematização de conteúdos educacionais em todo o território nacional, propondo a minimização dos desvios existentes na grade curricular da instituição educativa. Em seguida, nesta ordem, surgiu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) que tem origem no ano de 2017, data da homologação do documento. Após este último documento, teremos o aparecimento do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) (Brasil, 2019) e, por último, neste ano de 2024, o município de Fortaleza - CE criou o DCR-For, ou seja, é o documento de referência para a educação pública municipal de Fortaleza-CE. Este documento está em fase de construção e encontra-se aberto para a consulta pública na página da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza-CE (SME).<sup>1</sup>

Em todos esses documentos há referência ao ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito também sobre o ensino abordando a oralidade. Entretanto, lamentamos informar que a oralidade ainda não é reconhecida e destacada com tal importância como deveria e mereceria destaque no ensino e nas práticas sociais e linguísticas. No ensino de escrita e de leitura se vê uma preocupação constante e um exercício insistente de ensino e aprendizagem consistente e persistente nas aulas de Língua Portuguesa na Educação.

Tal realidade é presente na nossa experiência cotidiana com o ensino de língua materna em turmas dos anos finais do ensino fundamental. Daí surgiram as minhas motivações pessoais e profissionais de contribuir com um trabalho que focasse no eixo oralidade. Com isto, passei a refletir sobre a minha prática pedagógica não somente nos eixos da escrita, da leitura e dos aspectos da análise linguística/semiótica, mas buscar também o

---

<sup>1</sup> Até o momento da produção desta dissertação este documento estava em construção, e logo em seguida foi publicado em vários volumes de acordo com a área de atuação na Educação Básica. Por exemplo, Área de Linguagens e Códigos – é o volume três, cujo material serviu de referência para o nosso trabalho por se tratar do volume que faz referência a área de Linguagens e suas nuances. (2024, p. 22 a 30)

olhar para o eixo oral. Ao pensar sobre a minha prática de ensino pensei em explorar juntamente com o meu aluno e ter um olhar atento aos aspectos da oralidade em sala de aula e fora dela, a ver e criar situações para se trabalhar essa oralidade numa perspectiva real, palpável de acordo com as exigências do mundo fora da escola e do universo dentro da escola, além de adequar os usos da linguagem, conforme as necessidades de cada um e de seus objetivos dentro de suas realidades.

Apesar de tantos avanços no ensino e aos poucos na perspectiva de o eixo oralidade vir se apresentando nos documentos oficiais, em trabalhos de natureza acadêmica, de incentivo e preocupação com esse eixo, precisamos estreitar mais esses laços, aprofundar mais as reflexões e inserir na prática de sala de aula o uso frequente de atividades que abordem a oralidade. Assim sendo, o trabalho com a oralidade se torna mais cuidadoso, mais criterioso, mais elaborado, com caráter mais exploratório, afinando os laços entre a academia e a escola via cursos de formação continuada para professores, cursos de pós-graduação lato sensu e/ou stricto sensu como ofertado através do programa PROFLETRAS, o qual nos dá a oportunidade de tecer um trabalho de pesquisa baseado na prática de sala de aula e em experiências vivenciadas na educação básica. Este trabalho que agora o faço e que busco contribuir de forma significativa, por exemplo, é para a reflexão e prática de muitos profissionais da área de linguagens que não se atentaram ainda para importância deste eixo e para aqueles que já se detiveram a pensar e se propuseram a começar o desafio de olhar com outros olhos e valorizar o esquecido, a oralidade.

Nos meus vinte e dois anos de sala de aula, seja na rede pública, seja na rede privada de ensino, não tinha, nem se via a ocupação dos professores em trabalhar a oralidade. A grande preocupação sempre foi e ainda percebemos que é: a escrita e a leitura; e assim é tornar o aluno exemplar em produção escrita e exímio leitor. E para favorecer a estas ações cria-se mecanismos de desenvolver tais práticas, como programa de leitura e projetos sobre leitura, investimento em bibliotecas e livros, estratégias de produção escrita e de leitura, dentre outras ações que movimentam os dois campos e ações em que entrelaçam estes dois campos de ensino e aprendizagem. Portanto, é necessário pensar estratégias de trabalhar e desenvolver a oralidade em sala de aula com a construção de atividades e elaboração de projetos com intuito de colaborar na desenvoltura do aspecto oral de cada discente.

É necessário trabalhar com os alunos uma linguagem oral não violenta, isso a começar na oralidade sim, pois tudo começa na fala para ser transportada para a escrita e da

escrita para leitura. Sabemos que nossos alunos da rede pública vivem em meio a muita violência e precarização de tudo, seja da saúde, da segurança, da educação, do transporte etc. mas precisamos através da educação de qualidade conscientizar esses estudantes do seu real papel usando as ferramentas que lhes cabem como armas para mudar suas vidas e realidades que os cercam, uma delas é a língua materna em seus vários eixos. E aqui eu destaco o eixo oralidade, de como chegar a um lugar e se comunicar em uma linguagem acessível, ser compreendido e compreender, se explicar e se defender, ser cortês, educado e gentil através da fala com simplicidade, clareza, concisão e objetividade, presteza e sabedoria.

Diante de tantas questões ainda sem resposta, como trabalhar o ensino da oralidade na língua materna? Pois quando falamos em oralidade geralmente nos remete ao uso e ao ensino-aprendizagem da oralidade numa língua estrangeira. Como já sabemos que o aluno precisa melhorar a fala, porque ele ainda não tem total domínio sobre ela e todos os recursos expressivos e linguísticos que a envolvem, daí nos preocupamos em trabalhar as habilidades e desenvoltura desta fala, desta oralidade de forma significativa, dotada de elementos que farão com que ela tenha seu sentido completo e atinja suas intenções e objetivos com criticidade tornando os educandos usuários dominantes e atuantes em seu meio social e em outros meios sociais onde quer que eles estejam ou até onde eles podem atuar e chegar ao longo de suas vidas participando das diversas práticas sociais.

O nosso questionamento é qual o espaço da oralidade na sala de aula? Essa incógnita implica uma profunda reflexão acerca de como essa oralidade é desenvolvida em sala, se ela chega a ser desenvolvida ou ignorada, o que se entende por oralidade e que oralidade se defende e ainda que atividades de oralidade são trabalhadas em sala e no livro didático. Devemos estar, diariamente, atentos às nossas práticas tornando essa prática pedagógica uma ação e uma reflexão para evitar práticas de ensino ineficazes e sem nexos e que a oralidade contribua e caminhe junto com outras áreas do conhecimento favorecendo os demais eixos de ensino da Língua Portuguesa havendo assim a integração entre eles.

Após os documentos referenciais curriculares, conhecidos como os PCN<sup>2</sup>s, surge novo documento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), que deu continuidade como documento atual de referência para a educação brasileira no âmbito nacional. A BNCC é um documento de caráter normativo que está de acordo com o Plano Nacional de Educação Básica (PNE) e que está organizada em propostas didático-pedagógicas indicando o desenvolvimento de competências gerais e competências específicas por área do

conhecimento e por competência curricular, além das diversas e distintas habilidades distribuídas pelas práticas de linguagem (Leitura, Produção de texto, Oralidade e Análise linguística/semiótica) em cada campo de atuação (Jornalístico/midiático; Vida pública; Práticas de estudo e pesquisa; Artístico-literário) para o ensino fundamental. Esse documento foi um grande salto para educação brasileira, um documento robusto e oficial que contempla todas as áreas e de forma ampla busca resgatar os conteúdos com o objetivo de colaborar para uma educação integral e inclusiva em pleno século XXI.

Assim como a BNCC é documento que rege toda a educação nacional, ela também é o documento que é referência para a organização da proposta didática e pedagógica do livro didático do aluno e do manual didático de português do professor. Vamos utilizar a nomenclatura LD para nos referir ao livro didático. O LD nos últimos anos tem sofrido muitas mudanças, principalmente quando se muda o documento referencial da educação, porque o LD acompanha essa mudança e ele é obrigatoriamente em sua organização e nomenclatura elaborado para seguir os padrões e exigências conforme o documento oficial em vigor na educação brasileira. Antes eram os PCN<sup>2</sup>s, atualmente a BNCC e assim sucessivamente. Com o advento da BNCC, o LD sofreu várias mudanças estruturais e de nomenclatura e isso interferiu em toda a organização do livro, de atividades e conteúdos dentre outros fatores. Contudo, podemos notar que essas mudanças têm feito do LD um manual cada vez melhor, mais completo, democrático, político, ético e estético, caminhando conforme os tempos modernos com seus elementos e recursos tecnológicos que nos fazem avançar na educação e ampliar o universo do nosso educando.

O Livro didático não é um material didático perfeito, nem atingiu sua perfeição, mas tem avançado consideravelmente ao longo dos anos. Ele é um recurso de referência para todo o ensino, sendo usado para o planejamento do professor, durante as aulas no uso de conteúdos e de sugestões de trabalhar outras ações em sala. É a partir dele que iniciamos e seguimos o caminho ao longo de todo o ano letivo e a duração desse recurso didático (LD) do professor e do aluno é válido por quatro anos. Após esse tempo, é feita uma nova escolha do LD a ser adotado por toda rede educacional e em cada escola do município. Para o aluno da escola pública municipal é praticamente o único livro didático acessível, para o professor também, mas o professor pode ainda ter acesso a outros materiais com intuito de incrementar sua prática pedagógica, juntamente com outros recursos disponibilizados pela rede municipal de educação. Há ainda muitas críticas referentes ao LD que precisam ser contempladas,

principalmente quando se trata de atividades propostas e de conteúdo abordado. Uma delas é a qualidade do material didático, a forma de abordagem dos conteúdos, a elaboração de atividades propostas, a forma de trabalhar e desenvolver os conteúdos conforme os documentos norteadores. Um dos grandes avanços no LD foi o surgimento dos eixos, como denominado na BNCC, e o destaque aqui vai para o eixo da oralidade e no que concerne às práticas de linguagem a ela interligada.

As habilidades apresentadas no LD são diversas e estão distribuídas nos quatro campos de atuação: I. Jornalístico-midiático, II. Atuação na vida pública, III. Nas práticas de estudo e pesquisa e IV. No campo artístico-literário. Respectivamente, apresentaremos aqui, de forma sintética, algumas habilidades de cada campo: I: 1. Produzir notícias para rádios, tv, vídeos, podcasts etc.; 2. Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações; 3. Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição; 5. Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma; 6. Formular perguntas e decompor tema polêmico, explicações ou argumentos com o professor e a colegas. II: 1. Discutir casos reais ou simulações; 2. Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão; 3. Tomar nota em discussões, debates, palestras etc. III: 1. Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação; 2. Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado. IV: 1. Representar cenas ou textos dramáticos; 2. Ler em voz alta textos literários diversos.

Diante dos desafios enfrentados pelo ensino/tratamento da oralidade em sala de aula, no livro didático, nos documentos norteadores da educação e demais espaços, não podemos perder de vista que este eixo segue sua trajetória buscando espaço, reconhecimento, uma vez que não é concorrência, é conquistar respeito e valorização dentro do uso da língua e nas suas práticas sociais como um todo. Toda essa questão da oralidade nos deu a razão para investigar sobre o tema, partindo da ideia de analisar como se dão as questões de oralidade no livro didático. Como a oralidade é abordada? Quais os tipos de atividades são propostos aos alunos? Quais espaços são dados pelo livro didático para o eixo oralidade? A partir desses questionamentos vamos refletir e criar estratégias de como trabalhar com o aluno do ensino fundamental de 6º aos 9º anos. Que o educando saiba usar a oralidade a seu favor de forma autônoma, responsável, competente e solidária. E, além disso, buscar conhecer e saber o que o aluno já sabe, o seu conhecimento prévio deve ser levando em consideração porque esse

conhecimento é muito importante e colabora para a construção da aprendizagem do educando favorecendo seu desenvolvimento pleno e íntegro.

Com o intuito de responder a todos os questionamentos realizados até aqui, recorreremos a vários pesquisadores e estudiosos da área que também são professores e carregam uma larga experiência e vivência sobre esse tema e sobre esse tema dentro de sala de aula. Portanto, apresento a grande professora e linguísta, reconhecida por suas pesquisas sobre coesão textual e sobre gêneros textuais, Irandé Antunes, apresenta reflexões sobre a prática da aula de Português com o olhar sobre o trabalho com a oralidade; em seguida, apresenta a dimensão interacional da linguagem explorando a oralidade e suas implicações pedagógicas. Então, Antunes (2003) faz esse casamento da teoria com a prática numa concepção interacionista, funcional e discursiva. A autora tece uma discussão crítica de tais práticas escolares tradicionais no ensino de português apelando para a construção e uso de uma nova prática pedagógica que oferte aos educandos possibilidades de “exercício fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita”. (p. 10)

Em seguida, temos a visão de Fávero (2007), que trata a oralidade nas perspectivas para o ensino de língua materna, ocupando-se de conscientizar de que a oralidade tem um papel no ensino de língua. A autora menciona ainda da questão do ensino da fala e lança a questão: deve-se ou pode-se ensinar a fala na sala de aula? Tratando ainda, em forma de discussão, acerca da coesão e da coerência no texto falado e por fim as relações entre fala e escrita.

As contribuições de Marcuschi (2010) procuram estabelecer a relação entre fala e escrita numa perspectiva semelhante à de Fávero. Ele apresenta várias perspectivas dessa relação fala e escrita. Elas estão assim organizadas: perspectiva das dicotomias, perspectiva variacionista e perspectiva sociointeracionista. Além de apresentar a tendência fenomenológica de caráter culturalista e por fim os aspectos relevantes para a observação da relação fala e escrita.

Irandé (2003) e Marcuschi (2010) apresentam concepções que se assemelham quando se referem à oralidade. Para eles é uma prática social interativa, uma prática com intuito comunicacional. Ele mesmo define a oralidade: “seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.” (Marcuschi, 2010, p. 25). Irandé vem somar com sua fala a de Marcuschi

quando diz que a oralidade é: “prática social, envolvendo dois ou mais interlocutores, em torno de um sentido e de uma intenção particular. (...) a oralidade apresenta a mesma dimensão interacional que foi pretendida para a escrita e para a leitura.” (IRANDÉ, 2003, p. 99) Os dois autores apresentam uma visão da oralidade como prática social interativa, comunicacional e intencional nos mais diversos contextos.

A pesquisa que rendeu uma tese sobre oralidade como objeto de ensino de Ferreira (2014) contribui muito para o nosso trabalho, pois apresenta a oralidade que desejamos analisar no livro didático e intervir com uma proposta de trabalho através do gênero roteiro com a criação de um roteiro para *podcast*. A investigação de Ferreira é muito importante no sentido de como ensinar, ou seja, como melhor ensinar a oralidade em sala de aula e o uso dos gêneros orais no ensino. Ferreira ainda levanta vários questionamentos pertinentes a nossa pesquisa, como: Para que ensinar oralidade? Como é possível proceder com esse ensino? Oralidade e gêneros orais, qual a relação existente entre ambos? Qual a importância da oralidade? Estas dentre outras interrogações são favoráveis à nossa reflexão diária acerca da nossa prática e do nosso olhar para a oralidade a ser ensinada.

Outros autores que trouxeram grande contribuição e auxílio ao nosso trabalho de investigação foram Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz e seus colaboradores com a obra *Gêneros orais e escritos na escola* publicado pelo Mercado de Letras. Como iremos analisar atividades no livro didático, essas tarefas geralmente são desenvolvidas usando o gênero oral ou os gêneros oral e escrito; e a proposta de intervenção que apresentaremos aqui será exatamente sobre um gênero oral muito utilizado nos tempos atuais, com o advento da tecnologia e da internet, além da prática pedagógica com as metodologias ativas, assim decidimos utilizar o *podcast* e desenvolver um roteiro de como construir um e a apresentação de algumas ações elaboradas e construídas com o uso do *podcast* na escola.

O trabalho de Ramos (1997) intitulado: *O espaço da oralidade na sala de aula*, da Martins Fontes é um conjunto de sugestões de atividades didáticas que colaborará para a produção de texto em língua materna na seguinte ordem do texto falado para o texto escrito. Isto seria a base para uma nova metodologia de ensino na educação básica. A partir da leitura de Ramos foi que aos poucos amadurecemos a ideia de trabalhar a oralidade na escola de educação básica, construindo um roteiro passo a passo, além de trazer também sugestões de como usar essa ferramenta tecnológica tão presente nos dias atuais e tão útil na sociedade contemporânea. É mais uma opção de linguagem, de uso da oralidade, de cultura e de arte.

Outro trabalho que está relacionado ao nosso tema, cujo trataremos aqui sobre oralidade é a dissertação de Almeida Silva (2018) que tem como objeto de investigação a oralidade e o ensino de Língua Portuguesa, especificamente com o foco no gênero textual seminário em sala de aula. Não é o gênero que abordamos em nosso estudo, mas embora não seja, o que importa é a interseção de trabalhos que se ocupam e se preocupam em desenvolver pesquisas e investigações na área de oralidade e a prática da oralidade na aula de Língua Portuguesa, como isso se dá. Como se desenvolve, o que é trabalhado, o que é deixado de lado, o que realmente importante nesse ensino voltado ao aspecto oral.

Trazemos ainda o estudo sobre o uso público do oral em contextos escolar e extraescolar tendo a oralidade com objeto de ensino na pesquisa de Martins (2017). Nessa pesquisa é citado pela própria autora em suas experiências na escola onde foi aluna e depois professora sobre a realidade do ensino do uso oral da linguagem. Sua experiência é bem curiosa e singular e está relacionada com as emoções e o uso da linguagem oral.

Os autores mencionados e seus trabalhos citados contribuem para ampliar a nossa visão da modalidade de oralidade em seu uso na escola, associada aos diversos contextos e práticas sociais. Contudo isso, ainda nos disponibiliza uma variedade de sugestões de como trabalhar e ampliar o ensino da modalidade da língua em sala de aula ofertando uma gama de opções que ampliam as possibilidades de ensino com os gêneros orais e outros, buscando ensinar de forma reflexiva, crítica, autêntica e autônoma, dando sentido e significado as ações pedagógicas no planejamento e em sala de aula no componente curricular de Língua Portuguesa.

Portanto, diante de todos os elementos já apresentados como: autores e seus objetos de investigação e suas devidas pesquisas, seguimos a discussão apresentando na sequência os aspectos que são relevantes em nossa pesquisa e que por meio dessa investigação a discussão foi ampliada para apresentar uma análise das atividades do livro didático de Português. Além de verificar como é tratada a oralidade neste livro didático, como se desenvolvem as atividades propostas para os estudantes no LD e, em seguida, apresentar uma proposta de intervenção com a criação de um roteiro de podcast no ensino da oralidade como modalidade da Língua Portuguesa na escola associada a algumas atividades propostas. Apresentamos ainda um projeto de oralidade que será desenvolvido na sala de aula e para além da sala de aula. Partindo disso, elencamos como objetivo geral analisar a potencialidade dos gêneros orais presentes na seção “Na trilha da oralidade” no livro didático do 7º ano do

ensino fundamental. Temos como objetivos específicos, primeiro, analisar os gêneros textuais propostos pelo livro didático para o trabalho com a oralidade, observando sua composição; segundo relacionar os exercícios propostos pelo livro didático, as orientações prescritas no manual do professor e as orientações dos documentos norteadores (DCRC e BNCC). Em terceiro e último, propor um roteiro pedagógico sobre podcast na escola sugerindo atividades e o uso desse gênero discursivo oral que contemplem o eixo oralidade na prática escolar do cotidiano de alunos da Educação básica.

Nossa pesquisa tem fundamentação teórica nas investigações e publicações sobre os gêneros orais na escola, os gêneros do discurso e a escola, os gêneros e tipos de discurso, experiências e reflexões com os gêneros e a progressão em expressão oral, os gêneros orais e as práticas de linguagem, o ensino da linguagem oral, o oral como texto além de propostas de ensino de gêneros (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) apoiados na Linguística encontramos o embasamento teórico pertinente à análise dos gêneros orais na escola e o oral como texto, além das atividades propostas com o ensino de gêneros orais. Apoiamo-nos também na Linguística textual, do texto e da construção dos sentidos (KOCH, 2008) e na interação pela linguagem (KOCH, 2007). Associada ao estudo e análise da linguagem acrescentamos a visão que se tem das atividades didáticas apresentadas no LD que são de vários tipos e com uso de vários gêneros textuais, visto que o LD não trazia essa possibilidade de atividades orais e agora já traz como exigência do documento oficial que é a BNCC e o DCRC, no nosso caso do estado do Ceará que recentemente recebeu o nome de DCR-FOR.

A nossa trajetória metodológica será guiada pelo corpo teórico e firmada em sua base nas ideias e estudos de Marcuschi, Dolz, Schneuwly e Antunes. Os procedimentos metodológicos estão organizados da seguinte forma: análise das atividades de oralidade com o público do 7º ano do ensino fundamental, propostas no livro didático; a quantidade de atividades ofertadas e como estão organizadas; o tipo de atividade e os gêneros utilizado para tal atividade a ser desenvolvida, por fim uma reflexão sobre essa trajetória exposta ao aluno. Após a análise de uma parte das atividades, já que é impossível analisar a todas as atividades apresentadas em cada capítulo do LD, será proposto um roteiro de como construir um *podcast*. Escolhemos o gênero *podcast* por seu um recurso bastante utilizado e muito útil pelos jovens e por muitos profissionais em diversas áreas de trabalho, inclusive na escola pode ser mais um elemento para agregar à prática educativa. Além do roteiro, propomos

apresentar um projeto para o ensino da oralidade para além da sala de aula, onde traz várias reflexões e usos da oralidade dentro da escola e fora dela.

Portanto, nosso trabalho é dividido nas seguintes seções: no primeiro capítulo, trataremos da discussão sobre a fundamentação teórica, enfatizando que concepção de oralidade defendemos; no segundo capítulo, discutiremos sobre a metodologia, a prática de análise das atividades de oralidade na seção “Trilha da Oralidade” no LD no contexto da BNCC e do livro didático; no terceiro capítulo, apresentamos a análise do livro didático, o que o livro propõe ao trabalhar a oralidade, qual a concepção do livro sobre oralidade, como o livro didático desenvolve esse trabalho e como nós propomos integrar o trabalho com a oralidade em sala de aula do LD aos projetos ou suplementar as atividades; no quarto capítulo, trazemos a proposição de atividades, na verdade propomos um roteiro de como construir um podcast: passo a passo e realizar atividades com este gênero; como trabalhar a oralidade em sala de aula e como usar o podcast como uma ferramenta pedagógica; e por fim ainda propomos um projeto para se trabalhar a oralidade para além da sala de aula de Língua Portuguesa com nossas considerações finais para concluir a discussão e reflexão sobre o tema em abordagem.

Em conclusão, esperamos que nossa pesquisa contribua significativamente aos professores da educação básica e aos seus alunos tornando o ensino da oralidade mais em evidência e trazendo ressignificações no ambiente escolar, com a proposição de atividades, do projeto e do roteiro de podcast levar em consideração o ensino de língua em uso, de forma reflexiva e crítica.

## 2 QUE ORALIDADE DEFENDEMOS?

Defendemos a oralidade apresentada desde os PCN<sup>2</sup>s quando afirma que “a questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa” (Fávero, 2007, p. 12)

Acreditamos e defendemos uma oralidade que é consciente, que tem um papel a cumprir dentro da sociedade, que é autônoma, que tem vez e voz. Essa oralidade que acreditamos tem seu papel concreto e um porquê de existir para atender a uma ou muitas necessidades, para cumprir o seu destino de forma coerente e coesa atendendo as necessidades de uso da linguagem oral de um indivíduo unicamente ou de uma coletividade.

Segundo Marcuschi (2001, p. 25), a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas e gêneros textuais findados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Essa é a oralidade que vemos e ouvimos na prática dentro do ambiente escolar e fora do ambiente escolar, uma oralidade viva, latente, carregada de significados e variedades diversas. A oralidade praticada por todos naquele ambiente escolar.

De acordo com Dolz (2004, p. 127 e 128):

o oral: aquilo que é dito em voz alta. (...) a voz: uma produção do aparelho fonador. O termo “oral”, do latim os, orais (boca), refere-se a tudo o que concerne à boca ou a tudo aquilo que se transmite pela boca. Em oposição ao escrito, o oral reporta-se à linguagem falada, realizada graças ao aparelho fonador humano: a laringe, onde se criam os sons, ...

Então, diante do exposto acima, a oralidade é um conjunto desde a parte estrutural até a produção de sons que envolve uma gama de elementos como: a entonação, o ritmo, as falas espontâneas, a acentuação, as sílabas até chegar na comunicação oral, que é um percurso complexo e repleto de nuances.

O objetivo desta seção é propor uma reflexão sobre o ensino da oralidade por meio das atividades propostas no livro didático, analisando-as à luz dos documentos base da educação nacional brasileira, tais como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN<sup>2</sup>s) de onde partiu a ideia do ensino da oralidade, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - o

documento mais recente referente a normas da Educação Básica contemporânea, além de outros pesquisadores neste campo do ensino de Língua Portuguesa. Em seguida, buscaremos aliar as vertentes que dialogam com a realidade linguística encontrada no manual didático consultado, nos documentos e na teoria linguística. Tais vertentes motivarão as propostas provenientes desta pesquisa.

Primeiro, abordaremos o que é oralidade; buscando destacar a necessidade e a importância de se valorizar o ensino da oralidade com atividades de qualidade e relevância no manual didático para o ensino de Língua Portuguesa sob a ótica de vários investigadores, que são referências no tema para poder nos apropriar do eixo e compreender a proposta deste trabalho.

Em segundo, trataremos dos gêneros orais, desde uma abordagem conceitual a uma abordagem do trabalho com o gênero na escola, em especial, os gêneros orais e o valor educacional que estes gêneros trazem ao serem trabalhados na escola para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno nas mais diversas formas de expressão.

Depois, abordaremos acerca das relações que há entre a linguagem, a língua, a fala, a escrita e oralidade, principalmente a oralidade que deve ser trabalhada, estimulada e valorizada na aula de Língua Portuguesa. No quarto ponto, trataremos da oralidade na escola; como essa oralidade é vista pelos professores, como é abordada em sala de aula de Língua Portuguesa, como ela é vista pelos alunos e como eles se sentem ao usá-la. Finalmente, no quinto ponto, falaremos da oralidade no livro didático, como são organizadas as atividades orais, quais são as atividades e como elas se apresentam, o que exigem dos alunos, que gêneros orais são utilizados nas sessões de oralidade do livro didático, quais são as orientações do livro didático e a quais são as orientações dos documentos norteadores (DCRC e BNCC) relacionadas.

Mostraremos ao longo de todo o trabalho e em algumas seções mais específicas, que a oralidade tem o seu devido valor e faz-se necessário um trabalho da melhor qualidade nas escolas, garantindo ao aluno todas as condições necessárias para usar essa oralidade em prol de seu desenvolvimento acadêmico, autonomia, protagonismo e liberdade de expressão. E por fim, faremos ainda uma crítica de que o eixo da oralidade precisa ser trabalhado no mesmo nível e patamar em que são trabalhados e investigados que os eixos da leitura, da escrita e da análise linguística-semiótica, a fim de haver uma compensação e igualdade de

mesmo teor para as demais habilidades e competências do estudante de educação básica nos anos finais do ensino fundamental.

## 2.1 O que é oralidade?

Quando se fala de oralidade, recordamos logo que é uma das modalidades da língua que primeiro se aprende. Depois que a criança aprende a falar, ela segue aos poucos desenvolvendo outras habilidades como a leitura e a escrita, por exemplo. Conforme o dicionário Online de Língua Portuguesa (2022, p.1), “Oralidade é um substantivo feminino; característica ou condição do que é oral, do que é falado; procedimento que só se faz verbalmente; em oposição ao escrito; demonstração que se faz oralmente”.

Forte-Ferreira (2014, p. 37) ao conceituar oralidade destaca que:

“a oralidade seria o desenvolvimento da fala, ... e não a modalidade que prepara para a escrita e muito menos a oralização do escrito, pois concordar com tal pressuposto seria ir de encontro ao que adotamos por ensino da língua oral, ou seja, não existe uma única língua oral, mas uma diversidade dentro dessa modalidade que deverá ser adaptada de acordo com situação.”

Com esta definição, a autora pensa de acordo com o que pretendemos desenvolver quanto ao ensino da oralidade e possuímos o mesmo pensamento do que é a oralidade para ser trabalhar em sala de aula na educação básica, principalmente nos anos finais.

Marcuschi (2010) conceitua oralidade afirmando que “seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora.” É pensando nessa prática social interativa que desejamos que seja desenvolvida na escola uma oralidade como afirma Marcuschi, que a fala “seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral”. É importante ressaltar que a oposição entre oralidade e letramento feita pelo autor situa-se no contexto das práticas sociais e não nas modalidades de uso das línguas – fala e escrita.

É com este viés que almejamos o ensino e a aplicabilidade de atividades com o intuito de desenvolver com maestria um ensino de competência no eixo oral com o foco na aprendizagem dos alunos, que seja capaz de superar as limitações e dificuldades do mundo real. O autor ainda menciona a dicotomia entre fala x escrita, comparando-as e caracterizando-as por estarem intimamente relacionadas e interrelacionadas entre si, mesmo

cada uma tendo também suas diferenças e sua importância fundamental no uso da linguagem. Em seguida, ele expõe o conceito de letramento que está diretamente relacionado com a escrita e as mais diversas formas de práticas da escrita de forma significativa. Para o autor, letramento é “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos. Distribui-se em graus de domínio que vão de um patamar mínimo a um máximo”. (Marcuschi, 2010. p.21)

As aulas de Língua Portuguesa pouco abordam o eixo da oralidade, e quando abordam é de forma superficial, rápida, passageira, fugaz, sem dar muita importância a todo esse eixo e seu processo de construção. Isso é feito porque o pensamento acerca da oralidade ainda está atrelado ao que Rojo e Schneuwly (2006) afirmam como uma visão pautada para a qual se tinha

[...] anteriormente, na concepção de oralidade e escrita como contrários, a ideia de que a primeira era usada apenas em contextos informais enquanto a outra para formais. Via-se a fala como desorganizada, variável, heterogênea e a escrita como lógica, racional, estável, homogênea; a fala seria não-planejada e a escrita, planejada e permanente; a fala seria o espaço do erro e a escrita, o da regra e da norma, enquanto a escrita serviria para comunicar à distância no tempo e no espaço; a fala somente aconteceria face a face; a escrita se inscreveria, a fala seria fugaz; a fala é expressão unicamente sonora; a escrita, unicamente gráfica (Rojo; Schneuwly, 2006, p. 20).

Essa visão dicotômica foi amplamente absorvida pela escola, sendo bastante prejudicial e alienante para o trabalho com a oralidade, pois corroborou em muito com a visão de uma língua homogênea que não permitia nada que a desestabilizasse. Logo, se a fala demonstrava aspectos de “caos” e beirava “erro” e descontrole, a reação mais óbvia da escola era optar pelo trabalho doutrinante da escrita para continuar dentro das amarras do certo e do errado.

Perceber o texto falado como um todo organizado e pleno de sentido requer do professor um maior aprofundamento que a formação inicial, em muitos casos não o fez alcançar e, se pudermos falar a partir da experiência pessoal, a formação continuada e em serviço também não. Assim, para desfazer o mito da irregularidade e desordem da fala é importante compreender:

A concepção de linguagem como atividade, isto é, o pressuposto de que toda e qualquer produção linguística é resultado de atividades exercidas pelos

interlocutores, leva-nos a procurar, na efetivação dessa atividade, regularidades que deixem entrever a existência de um sistema de desempenho linguístico [...]. No texto, as regularidades se manifestam como tendências de estruturação, definidas pelo caráter sistemático de determinados processos de construção textual, dado por sua recorrência em contextos definidos, pelas marcas formais que os caracterizam e pelo preenchimento de funções interacionais que lhes são específicas. (Koch, 1997. p. 65)

A autora considera a linguagem como uma atividade e isso vai requerer a compreensão de algo em movimento, transformações ocorrem, contradizendo a ideia de um princípio homogeneizante, mas nem por isso caótico, pois há um sistema regulador que podemos categorizá-lo como um princípio gramatical, cujas funções são marcadas pela recorrência. A autora ainda frisa que “o texto falado não é, absolutamente, caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é a luz dela que deve ser descrito e avaliado” (Kock, 1997. p.64).

A fala é, para Marcuschi, (2010. p.25) “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral”. A fala é caracterizada pela utilização da língua em forma de sons, com algumas características específicas, envolvendo aspectos prosódicos e outros recursos expressivos, como gestos e movimentos do corpo, mas principalmente, para Marcuschi (2010), corroborando com a autora. Tratará não apenas a natureza da regularidade do texto falado, isto é, da questão da sistematicidade de aspectos da modalidade, mas sobretudo da urgência de desconstrução dessa estrutura dualizante entre as modalidades fala e escrita, afirmando o prejuízo que acarreta.

É importante destacar que a noção de oralidade tomada aqui está, conforme Beth Marcuschi<sup>2</sup>,

relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, tanto no que se refere à sua produção, quanto no que diz respeito à sua escuta. Envolve a ação de linguagem de sujeitos ativos e responsáveis em contextos interacionais diversos (públicos ou privados) e registros de linguagem variados (formais ou informais).

A oralidade tomada a partir da concepção de uma das formas de manifestação da linguagem e esta manifestação como uma atividade, é possível compreender o papel dos gêneros na sua realização, uma vez que, conforme Schneuwly; Dolz (1999. p.11): “é através

---

<sup>2</sup> Glossário Ceale (<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>)

dos gêneros que as práticas de linguagem se encarnam nas atividades dos aprendizes. Por seu caráter intermediário e integrador, as representações de caráter genérico das produções orais e escritas constituem uma referência fundamental para sua construção.”

Portanto, conforme as palavras de Dolz e Schneuwly (1999), os gêneros possuem um papel fundamental na escola, no ensino, na aprendizagem, e através dele a oralidade se apresenta de diversas formas na vida e no cotidiano escolar do nosso aluno, tornando o ensino repleto de significados nas práticas sociais as mais diversas possíveis.

## **2.2 Os gêneros orais**

Segundo Travaglia (2013), não é tão simples como se imagina definir os gêneros orais, não é apenas pensar que são textos orais e pronto, não é assim que funciona. A partir de um estudo realizado por um grupo de pesquisadores do Grupo de Pesquisa intitulado PETEDI (Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso) sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, constataram que ao definir gênero, não se pode confundir gênero com atividade, já que em meio a muitas atividades da linguagem gera a incógnita se é gênero ou é a atividade. Daí, surgiu a necessidade de definição do que seriam os gêneros orais. Após muitas reflexões e análises constatou-se que gêneros “são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros.” E Travaglia ainda acrescenta na definição dizendo que “gênero é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial.” (Travaglia, 2013, p. 3)

Definimos o que é gênero, mas é necessário distingui-lo de atividade. Mas o que é realmente o gênero oral? Para Travaglia (2013) o “gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.” Essa foi a conclusão que o grupo chegou para definir o que é o gênero oral. Enquanto a atividade é a ação a ser desenvolvida. Podemos equiparar o gênero a um instrumento e a atividade a ação. Como por exemplo, ao cortar uma carne utilizo o instrumento faca e o ato de cortar é a ação, então

equiparamos a faca ao gênero que é o instrumento e a ação de cortar à atividade a ser posta em prática. Essa é a ideia que o grupo defende e nós aqui abraçamos.

Na visão de Schneuwly; Dolz (1999), “Gênero é um instrumento”, ou seja, a ideia da proposta que o contexto de uso e a esfera de circulação dos gêneros textuais foram considerados importantes no ensino da língua, pois até então, prevalecia o estudo da forma e do conteúdo descontextualizados.

Para os autores, os conceitos basilares de práticas, gêneros e atividade de linguagens são primordiais e dizem muito para que compreendamos a organização dos princípios da educação linguística, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa se situam no pensamento dos pesquisadores do grupo da Universidade de Genebra.<sup>3</sup>

Dando continuidade aos conceitos como dito anteriormente, conceitos basilares, iniciamos pelo conceito de práticas sociais de referência, essa noção de práticas sociais foi e é bastante relevante para situar os estudos de uma proposta pautada em uma “língua em uso”. Segundo os autores, o conceito foi proposto por Martinand em 1986 (1986, p.137ss, *apud* Dolz, 2004, p.61) e “tornou-se moeda corrente no debate didático”, O conceito serve para firmar a ideia de que os gêneros estão intermediando as práticas sociais e os objetos escolares, ou seja, são os gêneros textuais que farão a articulação entre o uso/o real e o ensinável. Assim: “A noção de gênero é situada em relação à de prática de linguagem e de atividade de linguagem; seu funcionamento no quadro escolar é examinado; um caminho é esboçado para melhor conhecer e precisar esse funcionamento (Schneuwly; Dolz, 1999. p.5).

O conceito de atividades de linguagem se atém aos princípios de Leontiev (1983, *apud* DOLZ, 2004, p. 63), para quem orienta para ‘estrutura do comportamento’, o que significa dizer “a atividade de linguagem funciona como uma interface entre o sujeito e o meio e responde a um motivo geral de representação-co-comunicação” (Schneuwly; DOLZ, 1999. p.6). Vejamos que a insistência no entre, não há fins, mas relações meio, pois as são “zonas de cooperação social”, há necessidade de interação para que se estabeleça o funcionamento da atividade. Assim, “a atividade pode ser definida como um conjunto e

---

<sup>3</sup> A formação do grupo ALTER (PUC/SP) ocorreu no início dos anos 2000, embora o contato tenha se estabelecido, desde o começo dos anos 1990, relações com o grupo de Genebra (Bronckart e outros pesquisadores), o que consolidou a teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD) como base nuclear dos estudos. Essas relações, bem como a filiação ao ISD, estão na origem de vários cursos, dispositivos de formação de professores e publicações nacionais e internacionais e base dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Olimpíadas de Língua Portuguesa e alguns Programas de Pós-graduação ou linhas de pesquisa.

ações”, exigindo de seus participantes que mobilizem elementos diversos, incluindo gêneros que em si já agregam várias operações reconhecíveis pelos participantes da atividade para que haja sucesso.

O que realmente vem a ser gênero? Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p.116):

o conceito de gênero, tal como introduzido por Bakhtin, corresponde perfeitamente ao modelo de instrumento que acabamos de esboçar. Segundo esse autor, cada esfera comunicativa corresponde ao desenvolvimento de gêneros relativamente estáveis. Assim, em toda comunidade linguística, os textos produzidos se distribuem em gêneros reconhecidos como tais; gêneros que têm, em geral, nomes que permitem designá-los, falar deles, avaliá-los, e que regulam em grande parte o comportamento de linguagem. Mais precisamente, e sempre com base em Bakhtin, podem-se definir três dimensões que formam a identidade de um gênero: o que é dizível por meio dele (o conteúdo temático), a forma de organização do dito (a estrutura composicional) e os meios linguísticos que operam para dizê-lo (o estilo).

Os dois autores apresentam algumas semelhanças em suas afirmações quando relatam determinados quesitos do gênero, como: o conteúdo, a estrutura, a função, o estilo. Enquanto na visão de Marcuschi, o gênero textual é definido como:

- a) uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresenta, características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (Marcuschi, 2002, p. 19).

E quais gêneros orais ensinar? Sabemos que há uma grande diversidade de gêneros orais a serem trabalhados na escola de acordo com a necessidade do público e com a realidade ao redor do meio escolar e da comunidade local. É preciso investigar qual a real necessidade do público a quem se destina o ensino e sua finalidade. Para Dolz e Schneuwly (2004, p. 146):

Os gêneros constituem a referência essencial para abordar a infinita variedade das práticas de linguagem e o meio de tratar a heterogeneidade constitutiva das unidades textuais. São instrumentos – ou melhor, *megainstrumentos*, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único – que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa.

Entre o variado repertório de gêneros orais para se ensinar na escola podemos citar alguns aqui, já que a variedade é enorme, ou melhor, o número de gêneros é infinito.

Podemos considerar como gêneros orais os seguintes: peças de teatro, palestras, debate, exposições em seminário, peças de argumentação em júri simulado, entrevistas, reportagens de TV simuladas, contação de histórias de tradição oral, narração de jogo de futebol, sarau de poemas, relato de experiências, locutor de rádio – simulação, dentre outros.

Marcuschi (2001, p. 42) apresenta em uma figura, a distribuição dos gêneros textuais no contínuo onde ele afirma que

O contínuo tipológico distingue e correlaciona os textos de cada modalidade quanto as estratégias de formulação textual que determinam o contínuo das características que distinguem as variações das estruturas, seleções lexicais etc. Tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de dois contínuos sobrepostos.

A escolha dos gêneros textuais é feita de acordo com cada seguimento de ensino, pelas séries, pela constituição dos ciclos. Essa ideia de escolha para Dolz e Schneuwly (2004, p. 104):

justifica-se pela ideia de que a aprendizagem não é uma consequência do desenvolvimento, mas, ao contrário, uma condição para ele. O desenvolvimento da expressão oral e escrita é ativado pelo ensino-aprendizagem de diferentes gêneros, iniciando precocemente, graduado no tempo de acordo com objetivos limitados e realizado em momentos propícios, isto é, quando a intervenção do professor e as interações com outros alunos podem gerar progresso.

A organização, após a escolha dos gêneros, se dá numa progressão nos ciclos, por exemplo, de dois em dois anos ou de quatro anos e que o segredo dessa organização está em ter uma flexibilidade nas escolhas dos gêneros, inserir um gênero em projetos de classe e diversificá-lo nos diferentes agrupamentos ou nas modalidades oral ou escrita. Como nosso projeto se desenvolve nas turmas de 7º anos, para Dolz e Schneuwly (2004, p. 135), “os três últimos anos (7º, 8º e 9º) são tratados como um só ciclo, aumentando, assim, as possibilidades de escolha e de adaptação às particularidades de uma turma.” Isso não impede de escolhermos apenas a turma de 7º ano e seu manual didático de ensino para análise, pois apenas um único manual é necessário para realizar esta investigação científica, já que seria muito material para pouco tempo a realizar um trabalho de análise e aprofundamento de dados de investigação em todas essas séries da educação básica. De acordo com a BNCC, o ensino é dividido em blocos de séries, a educação básica, por exemplo, que é o seguimento que nos interessa aqui, é dividida em três blocos: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nosso foco

aqui é no Ensino Fundamental – anos finais, este é o seguimento que nos ocuparemos de estudar.

Daí que defender o ensino de língua portuguesa, através das práticas que abrigam o uso dos gêneros textuais e principalmente dos gêneros orais na aula de língua portuguesa, requer reconhecer, preparar professores e aprendizes para tornar esta prática mais eficaz e produtiva, abrindo caminhos para transformar a escola em um lugar de comunicação, efetivamente em um lugar de práticas de letramentos diversificados.

Quais gêneros orais ensinar na escola? Ainda sobre gêneros, não poderíamos deixar de mencionar e fazer esta pergunta reflexiva que nos leva a várias ações, tais: selecionar gêneros, pensar em critérios de seleção de gêneros, na maturidade dos estudantes para aprender tal gênero conforme idade e conteúdo de cada série, associar os gêneros aos conteúdos da série de cada seguimento de ensino da educação básica, conforme as orientações dadas pela BNCC e pelo DCRC.

Conforme cita a BNCC sobre os gêneros em uso na escola é coerente dizer que “outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados.” (BNCC, p. 139) Ou seja, o documento permite que haja uma ampliação do uso de gêneros na escola, quanto mais explorar os gêneros no âmbito escolar melhor par ao ampliar o leque de conhecimentos dos estudantes.

Em se tratando do DCRC-For (2024, p.23) o gênero é ainda mais valorizando quando diz que “entre os diversos conceitos que se relacionam a uma concepção de texto como evento, o gênero do discurso surge como um dos mais fundamentais...” E ainda destaca acerca da compreensão do gênero afirmando que “compreender os gêneros a partir de sua função social é a base de um trabalho didático-pedagógico que considera efetivamente a língua como lugar de troca e negociação de sentidos, a partir de práticas autênticas de interação verbal.” Então, com isto, concluímos de forma consciente da grande missão e importância que tem os gêneros no meio escolar, do seu papel e função no ensino.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 146), “... em vez de abordarmos o gênero da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos Gêneros da comunicação pública formal”. O papel da escola é exatamente este, de desenvolver as potencialidades do estudante no quesito formal, instruindo-os para as diversas realidades e práticas sociais que possam surgir ao longo não só da vida estudantil, como da vida adulta,

após sair da escola carregando a bagagem daquilo que foi aprendido no ambiente escolar. Eis a missão da escola! Formar e capacitar este estudante. Para isto o ensino necessitará de uma gama diversificada de gêneros orais, quanto mais diversificada, melhor para desenvolver o máximo de habilidades possíveis em situações diversas do cotidiano escolar.

Os alunos não dominam muito bem a produção oral, eles dominam a oralidade no aspecto informal que é utilizada no cotidiano deles. Por isso, a missão importante da escola de apresentar os gêneros orais e explorá-los, primordialmente os desconhecidos e trabalhá-los no ambiente de sala de aula, além de colocar os estudantes em situações que nunca participaram como situações formais para desenvolver a linguagem oral, por exemplo, diante de uma entrevista de emprego, em uma audiência no fórum da cidade, um debate, uma palestra, dentre outros gêneros.

É importante esclarecer sobre a noção de oral. Para Dolz e Schneuwly (2004, p. 146), a noção de oral não se refere a “prescrições normativas (fonéticas, morfológicas e gramaticais) que se exerceriam sobre um oral padrão, bastante fantasioso, independente das situações de comunicação efetivas. Para nós, as características do oral formal decorrem das situações e das convenções ligadas aos gêneros.” Daí, destacamos a importância de valorizar as características convencionais de cada gênero oral a ser desenvolvido, explorado e estudado. É importante destacar ainda, segundo os autores, o grau de formalidade é fortemente dependente do lugar social de comunicação.

### **2.3 Oralidade na escola**

A oralidade no uso da fala muitas vezes é percebida como aquela que viola ou negligência as normas e regras gramáticas, que não obedece e a transgride, usando a língua na forma que desejar. Essa é uma visão equivocada da fala que assume uma posição privilegiada para desobedecer às regras da gramática e “de acordo com essa visão, tudo o que é “erro” na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial” (ANTUNES, 2003, p.24). É o que acontece geralmente no uso da fala e a visão que se tem. Então, Antunes (2003) vem nos alertar acerca do trabalho com a oralidade no que se refere as atividades em quatro pontos:

- a) A crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula (cf. Marcuschi, 2001:19);
- b) A visão da fala como privilegiada para violar as regras da gramática;
- c) Uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, na verdade, o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais;
- d) Falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pede gêneros mais formais.

É através dessas inquietações que este trabalho propõe mudar esse cenário e trazer contribuições nesse campo da oralidade que se faz tão necessário nos dias atuais, em meio ao tecnológico, ao que desperta a atenção e o prazer de aprender dos jovens, nesse ritmo faz com que as crianças e os adolescentes do ensino fundamental tenham e despertem cada vez mais o interesse em estudar e praticar o oral, e conseqüentemente aprender e pôr em prática a oralidade ao seu favor nas mais diversas situações de comunicação.

A ideia é trabalhar a oralidade através de práticas reais em diversos contextos como destaca a BNCC no que se refere ao ensino da oralidade. Portanto, cabe ao componente Língua Portuguesa “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (BNCC, 2018, p. 67 e 68).

Segundo a BNCC (2018, p. 60), sobre o ensino fundamental, anos finais é importante considerar e dar um novo olhar ao ensino “retomar e ressignificar as aprendizagens”. Isso é fundamental e urgente, faz necessário esse novo despertar para um ensino mais atrativo e de maior qualidade que com trabalho podemos transformar.

Esse novo olhar pode ser visto pelo ângulo do eixo da Oralidade dando abertura ao ensino do oral em Língua Portuguesa, ampliando o foco dos estudantes para desenvolver suas potencialidades em sala de aula e fora dela ao participar de seminários, debates, palestras, entrevistas, feiras de ciências, eventos acadêmicos científicos e de lazer e cultura

oferecidos pela rede municipal de ensino da cidade, assim como eventos dentro da cidade, no bairro, na comunidade, em feiras, praças, museus, em diversas aulas de campo e ambientes diversos, como visitas à Assembleia Legislativa do estado para conhecer o trabalho de políticos locais e como são realizados os trabalhos em uma casa política, além de uma série de outros elementos que podem ser explorados neste campo externo à escola e ao retornar ao ambiente escolar pode também ser explorado de outras maneiras, como trabalhos orais, escritos e apresentados oralmente sob o formato de vários gêneros.

Por isso, conforme cita o DCRC-For (2024, p. 23), “o estudante é sujeito ativo de seu processo de aprendizagem e que pode construir conhecimento dentro e fora do ambiente escolar”. É papel e missão da escola dar ao estudante todas as ferramentas possíveis no decorrer do processo de ensino e aprendizagem para que ele possa fazer uso produtivo do conhecimento e cresça tanto no ambiente escolar, quanto no ambiente externo, construindo na comunidade a qual ele faz parte, no bairro, na cidade, no estado, no país e por onde ele for ao longo de sua trajetória de vida, ganhando experiências, adquirindo saberes novos, multiplicando conhecimentos os mais diversos, assumindo o papel de protagonista em suas ações.

Outra realidade que faz parte dentro da escola, e não podemos deixar de lado, sobre o ensino de oralidade é o que nos traz a seguir Fávero no que se refere a fala e língua.

Para Fávero *et al* (2007, p. 10):

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro lado, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere a representação gráfica dos sons.

De acordo com as palavras de Fávero, se observarmos bem o uso da língua, a fala sempre está à frente, sempre segue adiante. O estudante chega à escola já com o domínio da fala, com sua autonomia no trato de falar e no ambiente escolar ele irá desenvolver a fala formal de maneira a dominar a fala nas diversas situações comunicativas. Essa realidade incentiva e motiva o aluno a seguir aprendendo e quando é dado a ele a voz, a vez da fala ainda mais se sentirá valorizado a participar de forma autônoma, competente e com uma desenvoltura desejável.

E para Biber (1988:8) apud Fávero *et al* (2007, p. 11):

Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o status primário. Culturalmente, os homens aprendem a fala antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as crianças aprendem a falar (excluindo-se as patologias); muitas crianças não aprendem a ler e escrever. Todas as culturas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária.”

Partindo do pensamento de Biber, é interessante como se percebe a fala como a modalidade primeira desenvolvida pelo ser humano e assim devemos fazer na escola, propor ações em que nosso aluno possa desenvolver sua fala a um nível cada vez mais desenvolto, promissor, seja de forma ensaiada ou de forma improvisada, que ele (aluno) seja posto em situações reais ou fictícias e saiba resolvê-las. Exemplo de uma situação real que pode ser praticada na escola é solicitar ao estudante que ele se dirija até à secretaria para explicar o seu atraso ao chegar à escola, e após essa justificativa ele adentrar à sala de aula com autorização de entrada pela secretaria e pelo professor de sala de aula. São situações simples e reais que acontecem na escola em que o aluno usará sua fala para solucionar questões que lhe surgem na vida prática do dia a dia. Podem surgir situações mais complexas em que ele precisará defender um colega, usar de uma argumentação para sair-se de uma situação embaraçosa, saber questionar de fora a convencer o seu interlocutor do objetivo a ser atingido. E assim, a fala segue seu fluxo de forma espontânea, livre e solta.

Diante de tudo já exposto até aqui, já deu para percebermos e termos uma ideia e até uma noção de como é vista a oralidade na escola, de como essa oralidade é tratada por alunos e professores e toda a comunidade escolar. Do uso dessa oralidade a favor de todos e do bem comum atendendo as necessidades de cada setor da educação no meio escolar e para o meio e escolar e para o mundo, o mundo lá fora, a realidade de mundo externa aos muros escolares.

Vale ressaltar ainda que o trabalho da oralidade na escola muitas vezes se limita ao livro didático, as propostas apresentadas por ele, sem a profundidade necessária, sem um direcionamento mais cuidadoso da prática do texto oral. Antunes (2003, p.15) afirma que “o professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial.” Daí a importância do papel do professor dentro da escola, na missão de educar, orientar, acompanhar e ensinar essa produção do oral, dando sentido a essa prática que o aluno praticamente já a domina desde que aprendeu a falar no âmbito familiar desde criancinha. O que se faz necessário é um ensino consciente e voltado para as situações reais de formalidade e informalidade de usos da língua que cada aluno pode se deparar durante sua

vida e usar ao seu favor a comunicação nas mais diversas necessidades ao longo do tempo e da vida.

Precisamos ainda expor que não apenas o professor é um dos sujeitos importantes nesse processo de aprendizagem e prática da oralidade na escola e fora dela, como também a sociedade que está ao seu redor, a comunidade em que o aluno habita, o bairro, a cidade, a vila, tudo a sua volta. Para Antunes (2003, p. 15) “a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela “voz”, pela “comunicação”, pela “atuação e interação verbal”, pela linguagem.”

O professor também precisa buscar mais apoio, leitura, conhecimento e aplicar na prática pedagógica o uso da oralidade assim como se trabalha, desenvolve e capacita os estudantes nas outras práticas de leitura, de escrita e análise linguística e semiótica. É preciso um despertar para este aspecto. Assim como aponta Bueno (2009), (apud FORTE-Ferreira, 2014, p. 41), nem todos os profissionais sabem bem o que é prática social interativa. Concordamos com a autora e defendemos essa ideia também, e consciente dessa realidade temos esperança de que os educadores reajam e partam para ação e reflexão e ação novamente. Segundo Forte-Ferreira (2014, p. 41), o interessante é apresentar possibilidades de relação com os estudos dos gêneros, que, em suma, é o que ampara a perspectiva interacionista comunicativa abraçada pela escola.

Esta sugestão apresentada por Forte-Ferreira (2014) é uma excelente sugestão, e é exatamente o que estamos propondo aqui neste trabalho, desenvolver um roteiro do gênero podcast com atividades propostas relacionadas a este gênero, e além disto, propomos um projeto sobre oralidade para além da sala de aula de Língua Portuguesa.

Antunes (2003), ainda nos lembra que a escola por muito tempo favoreceu o mutismo – (ou seja, caracteriza-se pela recusa de falar em determinadas situações). Portanto, afirma-se que essa ação “obscureceu a função interativa da língua, que disseminou a ideia de uma quase irreversível incompetência linguística”. Isso provocou e fez com que todos ficassem calados e apáticos. E que essa função da língua só “acontece por meio de textos orais e escritos, em práticas discursivas as mais diversas, conforme as situações sociais em que se inserem.” (Antunes, 2003, p. 16) Assim sendo, o que nos fica é a missão de encorajar os estudantes no uso e na necessidade, do poder que a oralidade tem sobre nossas vidas e que devemos usá-la a nosso favor nos mais diversos espaços, seja na escola ou fora dela.

Qual a finalidade do ensino de oralidade na escola? O ensino de língua materna possui uma concepção do oral que é aprender a comunicar a partir dos seguintes princípios para o ensino, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 114):

- a) Levar os alunos a conhecer e dominar sua língua, nas situações as mais diversas, inclusive em situações escolares; para chegar a cumprir esse objetivo;
- b) Desenvolver, nos alunos, uma relação consciente e voluntária com seu próprio comportamento linguístico, fornecendo-lhes instrumento eficazes para melhorar suas capacidades de escrever e de falar; e
- c) Construir com os alunos uma representação das atividades de escrita e de fala, em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração.

Há vários documentos, pesquisas e estudos no assunto de oralidade que defendem essa prática na escola e na sala de aula, porque obviamente, desde muito cedo, e até mesmo muito antes da escrita, aprendemos primeiro a fala, esta que faz parte de nossas vidas desde muito tempo. A missão da escola em desenvolver o eixo da oralidade:

Em si não haveria necessidade de justificar o trabalho com a oralidade em sala de aula, pois parece natural que isso deva ocorrer. O espantoso é que se tenha demorado tanto para chegar a esse reconhecimento. O que deveria ser explicado é o escândalo da ausência, e não a estranheza da presença do trabalho com a oralidade na sala de aula, ao lado do trabalho com a escrita (Marcuschi; Dionísio; 2007, p. 08).

A visão dos PCN's sobre a oralidade e a relação com a escola é uma discussão antiga e que iniciou a partir desse documento norteador, assim foi que este eixo de ensino-aprendizagem passou a ganhar mais espaço na escola, na sala de aula e ser mais valorizado cumprindo com seu papel de cidadania. Segundo os PCN's (Revista X, 2021, p. 1482):

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apóiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1998, p. 67).

A visão de Dolz e Schneuwly (2004, p. 66), a escola como lugar de comunicação:

a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação, e as situações escolares, como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas. (...) a escola como autêntico lugar de produção e utilização de textos.

Essas afirmações convergem para apontar que é preciso discutir a oralidade também no livro didático, inter-relacionando com os demais eixos de trabalho de ensino de conteúdos da língua, pois se partimos da concepção da heterogeneidade como princípio e do trabalho com os gêneros como possibilidade mobilizadora de práticas de linguagens, o livro didático pode ser o lugar em que a sistematização dessas situações pode acontecer mediando para o professor e para o aluno, via textos, a escola como um lugar efetivo de produção e compreensão de textos.

#### **2.4 Oralidade no livro didático**

Nas aulas de Língua Portuguesa, um dos materiais mais presentes e usados é o livro didático pelo professor e pelo aluno. Sabemos que o livro didático é muito útil na escola como apoio ao professor nas aulas e é importante apoio nos estudos dos alunos, mas ele não é o salvador da pátria, nem é perfeito e inacabado, sempre deixa algo a desejar e algo que precisa ser melhorado, ser visto e revisto por outro(s) viés (es), é necessário aperfeiçoamento e até adaptação à realidade de cada lugar, de cada realidade de ensino e educação, de acordo com as necessidades de cada espaço, de cada discente. Dessa forma, o professor precisa estar atento e juntos, gestão escolar e professores para se mobilizar e escolher o material mais adequado a realidade do seu alunado.

Na escola pública, de quatro em quatro anos tem-se a escolha de novos livros que passam a vigorar durante quatro anos até que se escolha novamente novos livros para os anos seguintes, e assim sucessivamente. Esse evento diz respeito ao Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) organizado pelo governo através de edital e publicação para escolha dos livros nos mais diversos níveis de ensino/escolaridade. Como nossa pesquisa terá como foco principal o LD, faz-se necessário tratarmos aqui de como funciona esta política do livro didático.

O livro didático que será analisado foi selecionado e aprovado no PNLD do ano de 2020. Tecendo linguagens é uma coleção de livros de Língua Portuguesa da editora IBEP

que foi publicada no ano de 2018 e em consenso na escola/rede municipal de ensino do município de Fortaleza- CE foi uma das coleções vencedoras. É um material bom, mas que não supre ainda toda a necessidade do ensino, inclusive quanto se trata do eixo Oralidade como consta na BNCC (2018, p. 139):

Também, como já mencionado, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa. Dessa forma, as abordagens linguísticas, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade.

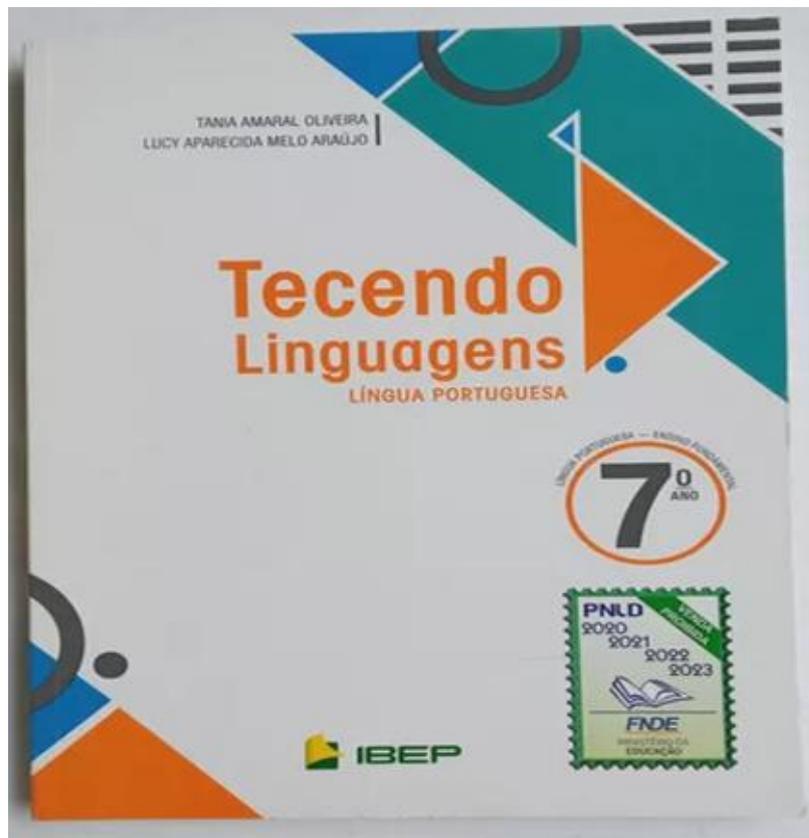
A seguir, temos a imagem da coleção Tecendo Linguagens, a qual pertence o LD que estamos analisando e na sequência, logo após temos a foto do livro didático do 7º ano, cujo material está em análise neste trabalho e a partir dele surge proposta de trabalho com a oralidade.

**Figura 1 – Capa dos livros didáticos de 6º ao 9º ano da Coleção Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa – Editora Ibep**



Fonte: [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br) – disponível em 30 ago. 2024.

**Figura 2 – Capa do livro didático do 7º ano da Coleção Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa**



Fonte: [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br) – disponível em 30 ago. 2024.

A BNCC aborda a oralidade da seguinte maneira:

As práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (Brasil, 2018, p.78-79).

O manual didático (denominação dada pelos próprios organizados do livro didático - LD) Tecendo linguagens trabalha a oralidade, conforme propõe a BNCC com o uso de vários gêneros textuais e gêneros textuais e orais diversificados e atualizados com os tempos atuais, gêneros correlacionados com o uso da tecnologia e da internet e com temáticas de acordo com a realidade dos adolescentes. Em algumas atividades didáticas propostas pelo

manual precisamos realizar adaptações para que se faça sentido aos estudantes e que tenha uma ligação com a realidade que eles vivem no uso do oral.

Ao observar a abordagem do manual didático, verificamos que há uma preocupação de apresentar cada eixo dedicando um capítulo para tratar de cada um, inclusive o eixo oralidade, como é nomeado pela BNCC. O primeiro a ser tratado é exatamente o da oralidade relacionando-o com a BNCC.

A coleção procura desenvolver as habilidades necessárias para que os alunos reconheçam o contexto de vários registros linguísticos e aprendam a valorizar cada um, além da oportunidade que tem de estudar a língua oral por meio de diferentes gêneros e conhecer as diversas possibilidades de uso desses gêneros.

A abordagem de conteúdos e a construção do conhecimento se dá pela interação professor-aluno e aluno-aluno através das atividades de forma reflexiva sobre a língua.

As autoras optaram por trabalhar a oralidade no livro didático pela apresentação de textos orais de gêneros diversos servindo de suporte a outros textos orais e de textos escritos que apresentam marcas de oralidade. Assim elas seguem a filosofia bakhtiniana de que “os gêneros são entendidos como formas relativamente estáveis de enunciados que utilizamos em diversas situações de comunicação (Teoria de Bakhtin, 2003) e são instrumentos de ação linguística” (Dolz e Schneuwly, 2004).

É na seção “**Na trilha da oralidade**” que abordará todo o conteúdo e atividades relacionadas à modalidade oral, espaço que o aluno terá de se dedicar ao estudo e produção de gêneros orais, sempre embasado por orientações passo a passo para o planejamento e elaboração do texto, sob a supervisão e orientação do professor, juntamente com a cooperação e participação dos colegas de sala no desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Nota-se que nesta sessão, “Na trilha da oralidade” no LD, já começa na atividade a ser realizada, não há uma explicação e/ou uma introdução sobre o gênero oral, informações e outras detalhes a cerca do gênero e da atividade a ser abordada com sugestões de ações a serem desenvolvidas em sala. Por exemplo, na primeira atividade da sessão, no capítulo 1 e unidade 1 do LD começa com a Exposição de obras de arte. São feitas algumas perguntas e daí já parte para a atividade. O que poderíamos sugerir a ser feito antes? Poderia ser abordado o que é uma exposição de arte, onde pode ocorrer a exposição de arte, se o aluno já conheceu alguma exposição e com quem ele foi, como ele se sentiu ao visitar uma exposição artística, de que forma a oralidade é trabalhada nesse espaço e como o aluno ver o uso dessa

linguagem. Consideramos importante essa introdução e prévia para depois tratar sobre o gênero, as características do gênero, fazer levantamento de exposições, que tipos de exposições podemos montar, construir ou planejar para apresentar em algum evento da escola, por exemplo? Após a atividade, apresentar sugestões de exposições permanentes que poderiam ser vistas e visitadas pelos estudantes de forma presencial ou de forma virtual mostrando sugestões de sites, portais etc. para ampliar o universo estudantil de opções a serem exploradas a nível nacional, ou até mesmo internacional. No âmbito local, o professor poderá pesquisar, apresentar a comunidade estudantil e agendar uma visita para que a turma conheça esses lugares explorando o universo também fora da sala de aula.

Na sessão do capítulo seguinte, capítulo dois, já apresenta de forma mais contextualizada, apresentando as fake news, explicando o que é fake news, em seguida mostra o gênero a ser trabalhado, que é o podcast, explica o que é podcast para depois apresentar a atividade a ser realizada e as orientações para esta atividade. Contudo, ainda há algumas lacunas a serem preenchidas e exploradas, como: sugestões de podcast para que o aluno veja um modelo e se espelhe no exemplo para construir o seu podcast com os colegas. Onde encontrar podcast? Tudo isso deve ser pensado e apresentado para colaborar na produção. Outro detalhe, a parte da tecnologia entra na organização da atividade e deve ser também pensada pelo professor. É importante ter os equipamentos para esta produção, como um microfone apropriado para a gravação, o espaço silencioso e reservado para gravar sem interrupção no momento da gravação. São detalhes que fazem a diferença. Nessa produção há dois momentos: primeiro o momento de elaboração e planejamento, pesquisa do que será feito e como será feito para em seguida ir ao segundo momento, que é a produção propriamente dita, a gravação para se ter um podcast pronto.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada em nossa dissertação, mostrando o método de abordagem escolhido, apresentando a descrição do universo e os sujeitos da pesquisa, a coleta do corpus e os procedimentos metodológicos para atingir a nossa meta.

#### 3.1 Métodos de abordagem

Neste trabalho será desenvolvida uma pesquisa bibliográfica de cunho documental, tendo em vista a limitação do *corpus* utilizado, devido à grande variedade de gêneros textuais presentes nas atividades do LD, por isso que limitado o campo de investigação. Além disso, os procedimentos adotados vão ao encontro de métodos da pesquisa-ação, que segundo Stringer (1996, p. 29):

“a pesquisa-ação compreende uma rotina composta por três ações principais: observar, para reunir informações e construir um cenário; pensar, para explorar, analisar e interpretar os fatos; e agir, implementando e avaliando as ações.”

A pesquisa está organizada em uma sequência de ações que são importantes e fazem parte do processo, e ainda cada etapa tem sua exigência própria. Antes de construir um cenário é preciso antes observar, analisar os dados que temos para poder prosseguir até chegar a atingir os nossos objetivos.

Segundo Elliot (1997, p.17), a pesquisa-ação é um processo que se modifica continuamente em **espirais de reflexão e ação**, onde cada espiral inclui:

- a) Aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver;
- b) Formular estratégias de ação;
- c) Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência;
- d) Ampliar a compreensão da nova situação;
- e) Proceder aos mesmos passos para a nova situação prática.

É o procedimento de realização nesta pesquisa, coletar os dados que são as atividades orais, analisá-las, em seguida descrevermos os procedimentos metodológicos da pesquisa, que realizamos com o objetivo de verificar a potencialidade dos gêneros orais presentes na seção “Trilha da Oralidade” no LD e os tipos de gêneros orais utilizados nessas atividades propostas nesta sessão, além de observar a variedade desses gêneros e seus usos práticos na escola.

Trataremos também de categorizar os gêneros propostos pelo LD, relacionar os exercícios propostos pelo LD e ao final vamos propor um manual com sugestões de atividades orais para que seja possível trabalhar e desenvolver as habilidades orais as mais variadas possíveis.

Nessa seção discutiremos o tipo de pesquisa, apresentaremos o *corpus* e os elementos envolvidos na investigação científica para chegar aos procedimentos de análise.

Marcuschi (2010) estabelece os parâmetros para a descrição de fenômenos linguísticos tais como: oralidade. Será desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, de cunho documental, tendo em vista a limitação do *corpus* utilizado. Além disso, os procedimentos adotados vão ao encontro de métodos da pesquisa-ação, sendo a análise de atividades orais do manual didático da 7ª série do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino. Tais informações serão utilizadas para a formulação de uma proposta de intervenção, ao término da qual será apresentado o manual didático elaborado com as sugestões de atividades no eixo da oralidade.

### **3.2 Instrumento da pesquisa**

O corpo da pesquisa utilizado nessa investigação será o livro didático da coleção Tecendo Linguagens de Língua Portuguesa, cujas autoras são: Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, 7ª série do ensino fundamental, utilizado numa escola de tempo integral da rede municipal de ensino, localizada no município de Fortaleza, Ceará. A escolha do livro didático se explica pelo motivo da professora-pesquisadora utilizá-lo em suas aulas e aproveitá-lo para realizar a investigação neste material já trabalhado e conhecido por ela e por toda rede de ensino do município citado. E a escolha da série é devido a pesquisadora ser professora da referida turma e já ter um vínculo e experiência com o público e o material utilizado.

### **3.3 Amostra**

Enquanto a amostra será o levantamento das atividades orais propostas pelo livro didático e os respectivos gêneros orais trabalhados ao longo do LD em cada unidade e capítulo, localizadas na sessão “Trilha da Oralidade”.

A leitura, observação, seleção e coleta das atividades serão realizadas no LD. Posteriormente, após a análise das atividades encontradas é que servirão para atestar ou não a eficácia dos trabalhos propostos e para a elaboração do manual didático com proposta de novas atividades para o ensino de língua materna no eixo da oralidade. As novas atividades elaboradas e expostas aqui são simples, no formato de um roteiro de elaboração de podcast, além de um projeto de oralidade para sala de Língua Portuguesa.

### **3.4 Procedimentos de análise**

Os procedimentos de análise aqui tratados serão divididos em quatro etapas a saber: 1. A coleta das atividades orais encontrado no livro didático de 7º ano; 2. A organização dos dados encontrados; 3. A análise do material coletado, e por fim 4. A construção do manual didático como proposta de intervenção para colaboração no ensino do eixo da oralidade.

#### 4 ANÁLISE DAS ATIVIDADES ORAIS PROPOSTAS NO LIVRO DIDÁTICO

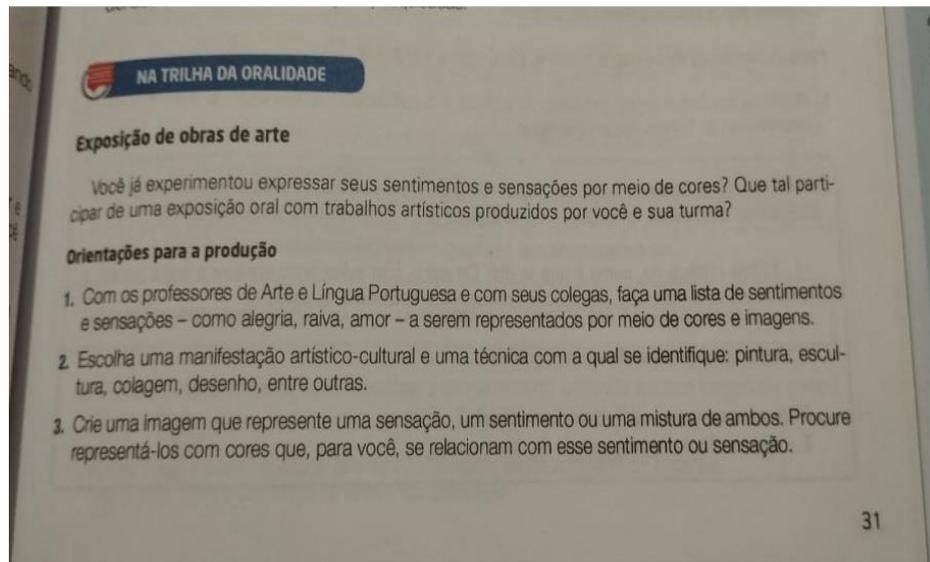
Nesta sessão apresentaremos a análise da oralidade no manual didático do 7º ano do ensino fundamental a partir das atividades propostas e dos gêneros apresentados. Para tanto, discorreremos sobre três pontos essenciais em nossa pesquisa: os documentos referenciais: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o DCRCFor, o livro didático de português (LD) e as orientações metodológicas fornecidas por ele.

**Quadro 1 – Orientações metodológicas**

UNIDADE TEMÁTICA	CAPÍTULOS POR TEMÁTICA
Unidade 1: Ligado na era da comunicação	Capítulo 1 – Comunicação em diferentes linguagens
	Capítulo 2 – Comunicação e sociedade
Unidade 2: Entretenimento é coisa séria	Capítulo 3 – Trocando passes
	Capítulo 4 – A imaginação em cena
Unidade 3: Ler é uma viagem	Capítulo 5 – O livro em minha vida
	Capítulo 6 – Guerreiros e heróis em lendas e mitos
Unidade 4: Ler para se informar	Capítulo 7 – Controlar gastos e conhecer direitos
	Capítulo 8 – Proteção e trabalho na infância e na adolescência

Fonte: Elaborado pela autora.

## Atividade 1 – Exposição de obras de arte



Antes das ações a serem realizadas é apresentado o que será realizado, uma exposição de obras de arte. É uma atividade interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes. Além disso, trabalha também as questões socioemocionais que estão diretamente relacionadas com os sentimentos e as emoções, porque despertam nos estudantes sensações ao se depararem com obras de arte, gera o senso crítico, desenvolve a sensibilidade, que servem para o crescimento e amadurecimento do estudante e ainda ganha experiência de conviver com a arte, o contato com obras, gerando conhecimentos, pertencimentos, identidade e gerando a necessidade de fala, de expressar o que se vê, o que se sente, o que se percebe ao ver, pensar, analisar, associar elementos os mais diversos possíveis e construir sua opinião, sua visão do observado.

Esta mesma atividade continua na página seguinte dando sequência à proposta da atividade no LD; nota-se que as ações propostas pelo exercício estão todas enumeradas passo a passo do que deve ser realizado em uma sequência de tarefas solicitadas pelos professores. Toda essa sequência de ações obedece aos passos que foram propostos nos pressupostos-teórico-metodológicos do Livro didático.

### Atividade 1 – Continuação da proposta da exposição de arte

4. Escolha um espaço para expor os trabalhos. A turma deve procurar organizá-los de maneira a valorizar as obras expostas.

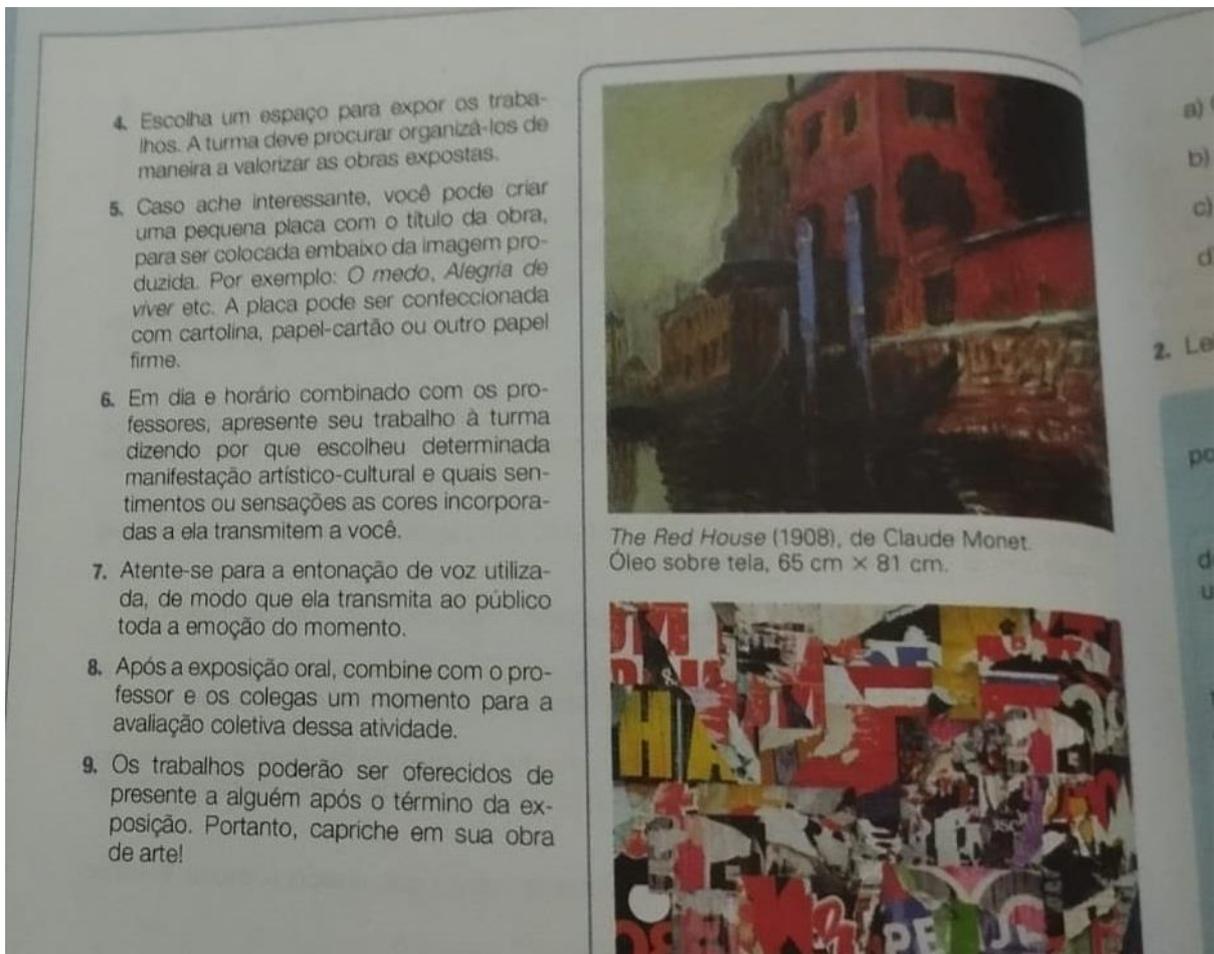
5. Caso ache interessante, você pode criar uma pequena placa com o título da obra, para ser colocada embaixo da imagem produzida. Por exemplo: *O medo*, *Alegria de viver* etc. A placa pode ser confeccionada com cartolina, papel-cartão ou outro papel firme.

6. Em dia e horário combinado com os professores, apresente seu trabalho à turma dizendo por que escolheu determinada manifestação artístico-cultural e quais sentimentos ou sensações as cores incorporadas a ela transmitem a você.

7. Atente-se para a entonação de voz utilizada, de modo que ela transmita ao público toda a emoção do momento.

8. Após a exposição oral, combine com o professor e os colegas um momento para a avaliação coletiva dessa atividade.

9. Os trabalhos poderão ser oferecidos de presente a alguém após o término da exposição. Portanto, capriche em sua obra de arte!



*The Red House* (1908), de Claude Monet.  
Óleo sobre tela, 65 cm x 81 cm.

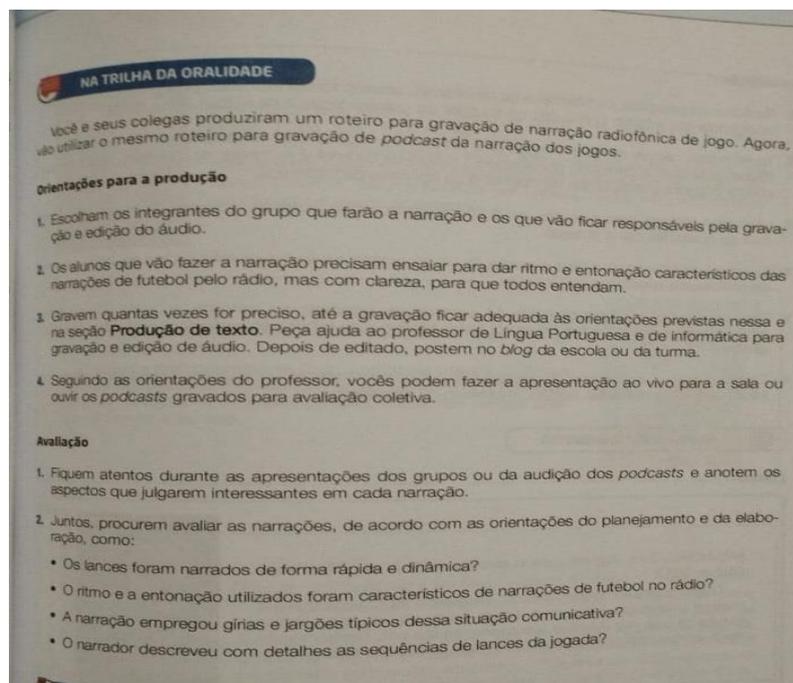
A atividade 2 foi uma das escolhidas para ser analisada e localiza-se no capítulo 1, unidade 1 do livro didático nas páginas 31 e 32, e propõe ao estudante uma exposição de obras de arte. Esta atividade traz o traço da interdisciplinaridade entre as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes, um dado importante e que contempla o que está nos documentos norteadores (BNCC e DCRC-For), de que trata da valorização da interseção entre as áreas dos conhecimentos enriquecendo assim o ensino e a aprendizagem dos educandos. Além disso, trabalha também o aspecto socioemocional do educando, quando solicita que ele pense e faça uma lista de sentimentos e emoções e a partir dessa lista ele construa sua obra de arte.

A crítica deve-se à exigência que este tipo de atividade requer do professor e de outras linguagens que a escola pode não dispor das ferramentas necessárias para bem realizar a tarefa, quando menciona que o aluno terá que criar sua obra de arte a partir dos sentimentos e emoções. Se ele nunca tiver visto uma obra de arte ou não tiver tido nenhum contato com o

mundo das artes fora da escola, nem tiver ideia de como produzir, será preciso o professor preparar uma aula anteriormente para mostrar o que são obras de arte, apresentar uma obra de arte em uma galeria artística ou num museu, pode ser até uma aula virtual ou presencial de visita a um museu para ver de perto como é uma obra de artística. Muitas vezes os alunos da escola pública não têm a dimensão do que é um museu, nunca visitaram um espaço artístico como este, nem conhece espaços importantes da cultura local do seu estado e/ou da sua cidade. Muitas vezes, cabe a escola este papel de fazer do aluno um conhecedor da sua própria cultura, porque a família não valoriza e/ou não se importa de apresentar os espaços artístico-culturais aos filhos ou ainda não tem essa sensibilidade e o olhar para a arte e a valorização do que é artístico e cultural e assim transmite aos filhos o que aprenderam ou não e o que consideram que seja importante. Então, é preciso primeiramente pensar nessa vivência para poder solicitar a produção ao aluno. E esta vivência terá uma riqueza inigualável para a vida desse futuro cidadão que está descobrindo o mundo e seus encantos.

Apresentaremos a seguir outra atividade de oralidade presente no LD, extraída do capítulo 3 - da unidade 2-, na página 113. Nela, a tarefa é produzir um roteiro para gravação de narração radiofônica de jogo. Vejamos:

### Atividade 3 – Produção de um roteiro



Esta é uma atividade que despertará mais a atenção dos estudantes. Primeiro, por se tratar de uma atividade oral porque eles já se sentem motivados a falar, participar, opinar. Segundo, por envolver na produção da atividade com uso de tecnologias e emitindo sua opinião própria diante dos colegas, o que eles são fascinados e têm em parte ou total domínio e/ou grande interesse em aprender e muitas vezes aprendem rápido. Terceiro, aqui trabalha aspectos bem diferenciados da oralidade que em outras situações não são tão importantes, são eles: a entonação, o ritmo, o som. É preciso ser bem ensaiada a narração do jogo, treinada para poder seguir para gravação. E mesmo na gravação, muitas vezes é cortada e recomeçada tudo novamente até a gravação ficar no ponto ideal ou próximo do desejado. Ainda possui o aspecto de ser ao vivo ou gravada a partida, pois se for ao vivo muito do discurso será improvisado e seguirá os acontecimentos do jogo, já a gravação sai mais do aspecto da improvisação e segue o formato do organizado, selecionado.

Para esta atividade, recordamos das palavras de Antunes (2003, p.104) quando menciona sobre a oralidade orientada para trabalhar os recursos como: entonação, pausas e outros. Enquanto Dolz (2004, p. 130-132) trata dos aspectos do oral espontâneo e de seus elementos envolvidos como: a entonação, o ritmo, a textura, a acentuação e outros diversos fatores envolvidos no processo de oralidade.

É notada a potencialidade dos dois gêneros, narração do jogo de futebol e a exposição de obras de arte aqui analisadas. Nessas duas atividades diferentes e presentes no livro, cada uma traz elementos característicos da oralidade e que são próprios do tipo e gênero que não se encontra em outro gênero ou pode se encontrar em alguns poucos. Daí a importância da diversidade, da variedade de gêneros. Quanto mais o aluno souber, mais conhecimento e inclusão e diversidade ele vivenciará.

É preciso dar ao estudante estas oportunidades para que ele possa vivenciar, experimentar, sentir, compartilhar conhecimentos, construindo sua aprendizagem no ambiente escolar. E essas oportunidades são dadas muitas vezes na escola ou através da escola para vivenciar novas experiências, conhecer outros meios, experimentar novos ambientes, contatos com o novo, seja uma arte, sejam pessoas, música, sons, seja o que for, essas experiências ficarão marcadas por toda uma vida e aprendidas sendo de forma significativa e de valor. Uma sugestão de se desenvolver esta atividade seria de forma mais natural e espontânea possível, caso a escola não possuía os recursos necessários, nem suficientes para realização da atividade com os aparatos tecnológicos poderia ser posto em prática a narração de um jogo de

futebol do interclasse da escola. Convidaria os alunos que tivessem interesse na atividade e desenvolveria com eles para depois eles apresentarem em sala aos colegas ou até mesmo em um dia de acolhida na quadra para toda a escolha apreciar a obra de arte oralizada.

Além das atividades, encontramos diversos gêneros na seção: “Na trilha da oralidade”. Dessa forma, desejamos aqui enumerar a quantidade de gêneros encontramos e o tipo de gênero presente neste LD. Como são muitos, não iremos aqui nos debruçar em analisar cada um deles, porque não seria possível realizar neste trabalho toda esta produção de análise, pois aqui o tempo é curto para debruçar-nos em tanto material de investigação, mas apenas para termos uma noção dos tipos de gêneros presentes no LD.

Além disso, cada gênero tem suas complexidades e especificidades, características próprias, formatos e estrutura diversas, funções e finalidades distintas, depende da esfera comunicativa, das necessidades temáticas, dos interlocutores envolvidos e seus atores.

Os gêneros encontrados no LD são bem variados e transitam pelo campo da oralidade e da escrita e vice-versa. Como exemplo, temos o texto dramático que está escrito e será encenado passando para a oralidade. O contrário temos a conversa entre textos que é baseada em algo escrito. Geralmente, o mais comum é o texto escrito ser primeiramente planejado para depois vir a produção oral baseada nesse texto. E ainda há a alternativa do texto ser improvisado, sem que tenha feito nenhum planejamento na escrita, mas que pode ter sofrido alguns ajustes no plano mental de raciocínio de interlocutores antes de vir à tona. Veja a seguir, de forma panorâmica, todos os gêneros presentes na obra *Tecendo Linguagens (LD)* no volume do 7º ano, nas sessões de oralidade de cada unidade e capítulo: Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora

GÊNEROS TEXTUAIS PRESENTES NO LD		
UNIDADE	CAPITULO	
1	1	1. Exposição de obra de arte 2. Conversa entre textos: email
	2	1. Podcast 2. Conversa entre textos: Charge e lei
2	3	1. Conversa entre textos: artigo de opinião e narração de jogo de futebol 2. Roteiro para narração de gravação radiofônica de jogo
	4	1. Cena de texto dramático 2. Conversa entre textos: Espetáculo musical e musical do conto tradicional
3	5	1. Imagem visual e frase 2. Júri simulado
	6	1. Conversa entre textos: lenda de Chico Rei, pesquisa e apresentação oral 2. Contação de mito grego
4	7	1. Vídeo para vlog da turma 2. Conversa entre textos: reportagem
	8	1. Conversa entre textos: ECA 2. Telejornal e notícias radiofônicas.

No capítulo 1: temos a Exposição de obra de arte, cuja atividade comentamos aqui acima; no capítulo 2: o gênero é o podcast; no capítulo 3: é solicitado um roteiro de gravação de narração radiofônica de jogo, este também foi apresentado aqui acima; no capítulo 4: temos uma encenação a partir de um texto dramático: “Romeu e Julieta”; no capítulo 5: teremos um júri simulado; no capítulo 6: uma contação de mito grego; no capítulo 7: temos um vídeo para vlog da turma e no capítulo 8: se encerra com a produção de um telejornal.

Segundo Antunes (2003, p. 124), “o livro didático e a sobrecarga de trabalho em sala de aula deixaram o professor sem oportunidade de criar seu curso.” Essa é uma realidade cada vez mais nítida que afeta diretamente o professor e o seu trabalho, e mesmo assim o professor ainda busca criar, adaptar realidades trazidas pelo livro que não cabem na realidade do aluno ou não pertencem a realidade da comunidade a qual o aluno pertence para dar sentido e significado ao ensino contextualizando-o e tornando possível o ensino e a aprendizagem. Antunes (2003, p. 124), cita ainda um dado curioso que concordamos, não de forma plena, mas concordamos em parte, de que “mesmo com o livro didático (que está bem melhor, diga-se de passagem), se pretende um professor que lê (tudo!), que pesquisa, que observa a língua acontecendo, ...” Aqui, de uma forma crítica, a autora faz referência a qualidade do LD, que ele já melhorou muito a qualidade, embora não está ainda como deveria

estar, completo, atendendo as necessidades do aluno e suas realidades, e de certa forma no quesito oralidade o livro didático deixa ainda muitas lacunas a serem preenchidas.

É o que acontece quando nos deparamos com as atividades propostas pelo LD acima expostas. Sabemos que o LD e suas atividades hoje em dia estão mais contextualizadas, mais organizadas dentro de uma realidade e necessidade para facilitar o trabalho do professor e para colaborar com o aprendizado do educando. Essa é a perspectiva!

A ideia principal nesta análise é analisar linguisticamente como o eixo oralidade se apresenta no LD, no intuito de contribuir para a melhoria do material didático a partir do que falta quanto ao eixo da oralidade, de explorar com maior profundidade determinados aspectos ou não, além de propor sugestões de novas atividades com gêneros orais dentre outros elementos necessários a aprendizagem e ampliação do ensino do eixo da oralidade a fim de que aluno tenha a oportunidade de se expressar livremente e adequadamente conforme sua necessidade e realidade de vida tanto na vida formal, como na vida informal se valendo do uso das práticas sociais de linguagem e dos gêneros orais diversos nas mais variadas situações de comunicação.

De acordo com o DCRC-For (2024, p. 30) a oralidade compreende uma diversidade de práticas de linguagem oral em interações síncronas e assíncronas em situações socialmente significativas. É importante salientar aqui o grande valor que tem a aprendizagem das culturas orais antigas e modernas, trazendo para sala de aula e apresentado ao aluno, ampliando os conhecimentos dos estudantes.

Na BNCC (2018, p. 79) há algo curioso que merece destaque aqui, é sobre o tratamento das práticas orais, conforme o documento, essas práticas compreendem:

- a) Condições e reflexões sobre as condições de produção dos textos orais;
- b) Compreensão dos textos orais;
- c) Produção de textos orais;
- d) Compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos de diversos gêneros;
- e) Relação entre fala e escrita.

Quão importante é o tratamento das práticas orais! Devemos levar em consideração esse tratamento porque ele faz parte dos gêneros e de sua produção, seja qual gênero for.

Se eu tivesse que trabalhar essas atividades em sala de aula, eu faria um pouco diferente, por exemplo, em vez da exposição de arte faria uma conversa ao telefone em duas modalidades: uma conversa formal e outra conversa informal – o que é bem usual no dia a dia e está relacionado a necessidade da comunicação e uso da linguagem oral na prática de linguagem diária, no uso do cotidiano dos alunos, levando em consideração que esta unidade aborda a temática da Comunicação. Mesmo assim, poderia se pensar em uma forma de valorizar a arte de cada aluno favorecendo as obras artísticas, se algum colega se destaca em alguma arte, valorizar o colega e fazer uma exposição de obras criadas por um ou mais alunos a partir do que eles gostam e sabem fazer de forma habilidosa e fantástica, pois sempre há um ou mais artistas na escola que descobrimos desde muito cedo as competências e habilidades de cada um. Uns se destacam mais, outros menos e as poucos vão se desenvolvendo em suas produções artísticas as mais diversas. Daí, abrir o espaço para que eles pudessem se apresentar e explicar a construção criada, o porquê etc., é algo muito valioso.

A outra atividade da sessão “Na trilha da oralidade” é sobre *fake News* com o uso do *podcast* no capítulo 2, unidade 1, nas páginas 66 e 67. É interessante a atividade e apropriada, mas o que tem uma distância com a realidade dos alunos é o tema: refugiados no Brasil. Poderíamos trocar esse tema por outro mais próximo da realidade dos alunos e do mundo que os cerca. Poderíamos trazer casos que se passaram na mídia e repercutiu em todo o país, casos que terminaram em tragédias, mortes, devido a fakes news. Seria interessante uma cartilha de combate as fakes news ou uma campanha na rádio da escola contra as fakes news, denunciar essa prática e mostrar as sérias consequências que elas trazem para nós. Apresentar casos reais que foram divulgados na mídia com exemplo é importante porque reforçará a seriedade do tema para tratar na comunidade escolar como um todo, além disso conscientizar a todos que é algo que pode se tornar tão grave de até pôr em jogo a vida das pessoas envolvidas.

Esse tema, é um tema muito sério e que é necessário tocá-lo, alertar aos estudantes para não cair nessas notícias falsas e enganosas para não ser mais uma vítima. Veja a seguir a proposta dessa atividade diretamente do LD:

## Atividade 3 – Podcast

**NA TRILHA DA ORALIDADE**

**Podcast – Fake news sobre refugiados no Brasil**

Você sabe o que são *fake news*? São notícias falsas que circulam, geralmente, em redes sociais e em mensagens instantâneas pelo celular. Essas notícias falsas podem ter consequências desastrosas e causar verdadeiras tragédias, como agressões e até mortes.



**Como checar se uma notícia é *fake news*?**

- Quando receber uma notícia em sua rede social ou por mensagem instantânea, cheque-a antes de compartilhá-la.
- Verifique se essa notícia foi publicada em *sites* confiáveis, como portais de grandes empresas jornalísticas, de instituições renomadas, de escolas e universidades.
- Evite *sites* que têm como proposta editorial o sensacionalismo, pois muitos deles publicam antes e verificam a veracidade da informação depois.
- Leia a matéria completa, não apenas a chamada, e cheque notícias do mesmo *site*.
- Desconfie se houver erro de digitação ou ortografia.
- Confira as datas de publicação dos *posts* e verifique essas informações em *sites* de buscas.

Reúnam-se em grupo e, com ajuda do professor, façam um levantamento de *fake news* sobre refugiados no Brasil. Depois, criem um *podcast* desmentindo essas notícias falsas e orientando as pessoas. Esse *podcast* será postado e compartilhado na página da escola em uma rede social ou em um aplicativo de mensagens instantâneas.

O **podcast** é um texto gravado em áudio que vem sendo muito utilizado no mundo inteiro, pois é um recurso barato de transmitir informações sobre diferentes assuntos e que pode ser compartilhado tanto em redes sociais quanto em aplicativos de mensagens instantâneas.

**Orientações**

1. Pesquise na internet diferentes notícias sobre refugiados no Brasil e façam a checagem dos fatos relatados nelas.
2. Anotem em uma folha avulsa todas as *fake news* encontradas e as notícias verdadeiras relacionadas às mentiras divulgadas.
3. Tragam para a sala de aula todas as informações encontradas e, com a ajuda do professor, comparem e selecionem as que podem compor o *podcast* do grupo.
4. Sob a orientação do professor e com as informações selecionadas, produzam um roteiro com o que será gravado em áudio. O roteiro deve ser escrito para ser falado, por isso é necessário apresentar as seguintes características:
  - Introdução de música de fundo ou de abertura (indicação do nome da música).
  - Apresentação dos locutores, da proposta do *podcast*, do nome dos integrantes do grupo e da função de cada um.
  - Detalhamento de cada uma das *fake news* pesquisadas e a notícia verdadeira correspondente.
  - Orientações para a checagem de notícias, como as listadas acima.
  - Utilização de pontuação de apoio à locução: vírgulas para pausas breves, reticências para pausa maior, ponto final para finalizar a ideia.

5. Mostrem o roteiro para o professor e, depois, troquem-no com um outro grupo. Com base nas observações deles, façam os ajustes necessários.
6. Para gravar o áudio, é necessário um gravador de áudio, *notebook* ou computador com esse recurso ou um celular. Peçam ajuda ao professor para conseguir esses recursos.
7. Na hora de gravar, procurem um ambiente sem barulho. Peçam ao professor que os ajudem com isso.
8. Sigam algumas instruções para gravar a locução:
  - Apresentem uma fala objetiva e direta.
  - Evitem trocadilhos ou frases de duplo sentido.
  - Usem uma entonação de voz e volume que todos possam compreender, mas não gritem.
  - Sejam breves para informar a mensagem em menor espaço de tempo. Para isso, usem a ordem direta da oração (sujeito, verbo e complementos).
  - Usem regras da norma-padrão da língua, atentando-se, especialmente, à pronúncia adequada das palavras e ao uso de concordância nominal e verbal.
9. Peçam ajuda ao professor para realizar a edição com os programas disponíveis na escola.
10. Antes de postar o *podcast*, combinem um momento com o professor e os colegas para ouvi-lo e avaliá-lo com base nas orientações dadas.
11. Se necessário, regravem o *podcast* de acordo com as sugestões de ajustes do professor e dos colegas.
12. Com o *podcast* finalizado, peçam ajuda ao professor para postar e compartilhar na página da escola, em uma rede social ou em um aplicativo de mensagens instantâneas.



Nesta atividade que envolvendo fake news e o podcast é uma atividade um pouco diferente das demais, porque antes de ir logo diretamente para a atividade, o que acontece nas outras tarefas, nesta há primeiramente uma contextualização e explicação do que é fake news e depois ensina de como verificar se uma notícia é fake mostrando passo a passo. Em seguida, explica o que é o gênero podcast e de como fazer. Logo após, seguem as orientações enumeradas de 1 a 12 para desenvolver a atividade proposta.

Nessa atividade o que sentimos falta foi de apresentação de modelos de podcast, onde encontrar um podcast para ouvir e ver como exemplo e em seguida construir um. Não há sugestões de sites para ver podcast e nem uma orientação ou sugestão nesse sentido. Deixa o estudante sozinho, sem esse caminho de orientação.

Segundo a BNCC (2018, p. 70),

Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de *designer*: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam a criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição.

Então, daí a importância de valorização da cultura digital, de explorar nos nossos alunos seus potenciais. habilidades e competências com aquilo que eles tanto dominam muitas vezes mais do que seus próprios pais e professores, eles passam a assumir verdadeiro papel de protagonistas diante de algo que tanto dominam a ponto de nos ensinar como fazer e colocar no que faz toda a criatividade necessária para realizar um trabalho de excelência. Eis a cultura digital nas mãos da juventude!

## 5 PROPOSIÇÃO: MANUAL DIDÁTICO

O manual didático aqui proposto para ser trabalhado a oralidade na sala de aula da educação básica, anos finais do Ensino Fundamental é de um roteiro de elaboração de um podcast e um projeto de oralidade para ser desenvolvido para dentro e fora da sala de aula de Língua Portuguesa. É um projeto além da sala de aula.

Como trabalhar a oralidade em sala de aula? Aqui trago um pouco da minha prática de sala de aula e um pouco daquilo que eu acredito, coragem e desafio, persistência e determinação. Para se trabalhar a oralidade é fundamental conquistar os alunos e conscientizá-los do valor da modalidade oral, lembrá-los que antes de tudo eles falaram primeiramente, e daí encorajá-los a dar o primeiro passo sem medo e usar a criatividade dentre outros elementos mais que vem da imaginação. Claro, tudo isso dependerá do gênero a ser trabalhado, dos objetivos, das realidades, da atuação dos interlocutores etc.

Os alunos possuem muita criatividade e inventividade, a mente é fértil para muitas ações e o professor sabendo conversar aos poucos por meio de diálogo diários com eles, segue seu trabalho estreitando os laços com os estudantes e sabendo deles mesmo como produzir, o que produzir etc. Essa comunicação é fundamental, pois é através desse diálogo entre aluno e professor que o trabalho se desenvolve e sob o olhar e a orientação do professor os alunos seguem o caminho e até mesmo dão palpite de como seria melhor desenvolver o trabalho.

Pensamos na escolha do gênero podcast por vários motivos. Primeiro, é algo atual que desperta a curiosidade dos jovens e que eles dominam e usam com mais frequência; segundo, é algo que está diretamente relacionado com a fala, com a oralidade e muitos elementos que envolvem este universo como: dicção, fluência, rapidez ou lentidão na fala que é a velocidade, tom de voz, os sotaques, o ritmo da voz, o som produzido dentre outros. Terceiro, temos no LD várias atividades que são desenvolvidas com o podcast, inclusive escolhemos uma dessas atividades para analisar aqui neste trabalho.

Inicialmente apresentaremos a construção do roteiro. A escolha desse roteiro de podcast se deve ao uso cada vez mais constante e que ganhou a audiência na sociedade da atualidade, além de uso frequente entre os mais jovens. Hoje o podcast é um dos recursos mais bem utilizados e de fácil acesso na mídia em geral. A seguir, o roteiro de podcast.

## 5.1 Roteiro de elaboração de podcast



Apresentação

Caros professores (as)

Sejam todos bem-vindos (as)

Apresentamos a todos vocês e à comunidade escolar o nosso roteiro de elaboração de um podcast. Nele contém todos os passos de como construir um podcast, das ferramentas necessárias para a construção e ainda propomos algumas atividades para serem aplicadas com este gênero textual fantástico. Saberemos também o que é um podcast, como surgiu, suas origens, para que serve, como aplicá-lo na prática escolar e onde divulgar.

Em pleno século XXI, com uso massivo da internet e a necessidade cada vez mais de comunicação de forma mais veloz possível, surgiram vários recursos que cooperam para uma comunicação cada vez mais eficiente e acessível. Assim surgiram outras ferramentas que vieram auxiliar os meios de comunicação através do acesso à internet, como: o WhatsApp, os vídeos-minuto, os áudios, as videochamadas dentre outros inúmeros recursos, ferramentas e materiais digitais que colaboram para outras artes, ações, trabalhos e projetos acontecerem.

Foi pensando na realidade desse século e no envolvimento da educação com a tecnologia que escolhemos o gênero podcast para apresentar aos nossos atuais e futuros professores e conseqüentemente eles usarem com os seus alunos em sala de aula, produzindo material de qualidade e moderno, aguçando a curiosidade e a criatividade dos estudantes para usarem conforme as necessidades pedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem.

Bom proveito, professores! Êxito nessa jornada desafiadora.

A autora.

### Um POCO de História

Para começo de conversa, vamos iniciar das origens, de como e quando surgiu o podcast? Venha conhecer conosco esse gênero que surgiu com o advento da internet e a necessidade de comunicação cada vez mais dinâmica em nossa sociedade.

### A Origem de podcast

Primeiramente, de onde vem este nome “Podcast”? Esse nome surgiu do nome do produto em áudio gerado a partir do Podcasting, uma forma de publicação de arquivos de mídia sonora criadas para serem transmitidos pela internet, ao vivo ou gravado.

O termo “Podcast” deriva do iPod – aparelho da Apple que colaborou com a popularização do formato de “programa de rádio gravado” e “broadcast” que significa transmissão em Língua Portuguesa. O nome se consolidou e segue até hoje com essa denominação. O significado de Podcast, traduzindo para o português do Brasil, quer dizer: “transmissão via iPod”.

Atualmente, o termo podcast é usado basicamente para designar uma conversa entre duas ou mais pessoas participam interagindo entre si somente por meio do áudio. O formato já existe desde os primórdios da internet banda larga, quando passou a ser possível o download de arquivos mais rapidamente, mas se popularizou na última década. Ele pode ser baixado e consumido por aplicativos específicos ou diretamente em serviço de streaming. Os exemplos que temos desses serviços é: Spotify e Apple Music, as plataformas Youtube, Twitter ou Whatsapp que possuem o serviço de áudio.

### Como surgiu o Podcast?

Surgiu da parceria de dois rapazes chamados: Adam Curry e Dave. O primeiro, já famoso pela televisão, agora desejava divulgar seu trabalho pela internet. E assim o fez. Entrando em parceria com o colega colocaram os planos para adiante.

Qual a vantagem do podcast neste século? A vantagem é de não precisar parar para nada, porque pode-se fazer várias atividades e ao mesmo tempo seguir acompanhando o podcast através da escuta ativa. Então, a maior vantagem é poder ouvir em qualquer momento do dia ou da noite e em qualquer lugar. É mais uma opção que temos para estar bem-

informado, conhecer sobre algo novo, discutir sobre determinada temática ouvindo, refletir ao ouvir os temas tratados, dentre outros sendo que todos relacionados ao ouvir.

Fique atento (a) que agora vamos aprender a como criar um podcast passo a passo.

Sigam-nos! Você poderá criar o seu podcast com o tema que desejar investir. Veja a seguir o passo a passo.

#### Como criar um podcast?

Primeiramente, a criação do podcast se dá por etapas. São cinco as etapas para desenvolver este trabalho de criação até ficar tudo pronto. Primeira etapa é a parte que se trata do desenho estrutural do seu podcast que envolve vários elementos importantes que compõem a estrutura, ou seja, a base desse gênero, tais elementos são: o tema, o público-alvo, o formato, a linha editorial, a estrutura, a periodicidade, a duração, a nomenclatura do podcast e a identidade visual.

O tema diz respeito ao assunto, é **o que** será tratado no podcast, exige conhecimento, afinidade sobre a temática a ser pesquisada, estudada e produzida. O público-alvo é **para quem** se quer falar, qual o público específico se destina tal tema. O formato é **como** se apresenta, como se define o podcast, refere-se a forma. Pode ser de várias formas, por exemplo: mesa-redonda, debate, monólogo, entrevista, podcast narrativo, dentre outros formatos. A linha editorial busca-se definir o que é mais importante. Por exemplo, num debate deseja-se incluir questões políticas ou não? Quais os valores norteiam o seu podcast? Pode ter uma linha com um viés mais regional, ou local, nacional ou até internacional. A estrutura trata-se de como vai construir seu podcast. Se haverá quadro, abertura, vinheta ou trilha. A periodicidade deve-se a frequência de postagens a serem publicadas, se será num período semanal, quinzenal ou mensal. A duração do podcast deve ser definida, se será quarenta minutos, 30 minutos ou uma hora. A nomenclatura refere-se ao nome ideal a ser criado para o podcast. É importante criar um nome para o podcast. O podcast também deve-se ter uma identidade visual, uma capa que pode ser criada no Canva - (uma ferramenta gratuita de design gráfico e comunicação visual online). A fase mais importante de todas na construção do podcast é esta, a fase da estrutura, cuja tem os detalhes fundamentais para definir todo o projeto de criação que cada elemento bem pensado e planejado fará toda a diferença.

A segunda etapa trata-se da fase de produção do episódio, ou seja, trata-se de pesquisar e escrever o tema. É a produção e o roteiro do podcast. Nessa fase exige do produtor muita pesquisa sobre o tema a ser tratado e o convidado, em seguida a produção do roteiro a partir das pesquisas realizadas.

Na etapa terceira é a hora da gravação. Tudo que foi planejado, pesquisado e escrito no roteiro sobre o tema escolhido agora será gravado. A gravação envolve vários aspectos que são considerados muito importantes para que a gravação seja feita com a maior e melhor qualidade possível. Esses elementos são: o local da gravação, o conforto acústico, os equipamentos como: smartphone, aplicativos para gravação pelo celular, gravador e microfone, microfone USB e computador, microfone dinâmico, interface de áudio e microfones e computador, gravação remota, acessórios.

A quarta etapa trata-se da edição. A edição é considerada a cereja do bolo do seu podcast. Essa fase serve para melhorar os áudios, nivelar os áudios, colocar algumas vinhetas, algum efeito especial. Trilhas para ser um atrativo a escuta, limpar o áudio para torná-lo agradável a escuta, cortar uma tosse, um espirro e deixar tudo limpo e bem audível. Para a edição ser realizada é necessário elementos como: softwares pagos e gratuitos, qualidade do áudio e efeitos, além da trilha sonora para tornar mais atrativo, não ficar apenas no áudio limpo e seco, puramente áudio, mas ter algo que torne mais atrativo e animador ao ouvinte.

A quinta e última etapa é a etapa da publicação e distribuição da produção. Publique e alcance seus ouvintes. Para publicar o podcast deverá encontrar plataformas de hospedagem e passo a passo ir publicando seu podcast. Ao publicar recomenda-se uma das melhores plataformas de qualidade e gratuita que se chama Anchor ou pode ser também pelo Youtube que é uma plataforma de grande alcance.

Assim, cumprida todas as cinco etapas aqui acima relatadas detalhadamente teremos um podcast de qualidade e de acesso a um maior número de ouvintes possível. Além de nos preocupar com a qualidade da produção do áudio, da parte técnica e de todos os equipamentos e ferramentas necessárias para a produção, do conteúdo elaborado e planejado para atender a necessidade de tal público desejado é preciso organizar tudo de forma harmônica e que seja algo agradável, que desperte a curiosidade do ouvinte, já que haverá apenas áudio, mesmo assim pode-se produzir algo referente a som e imagem, som sem ser apenas a fala, mas uma música ambiente, por exemplo, e ao visual algo que chame a atenção

antes de iniciar e/ou ao terminar o podcast, isso tornará atrativo e envolverá o ouvinte a permanecer na escuta de forma atrativa, curiosa e interessada.

Esperamos que você tenha gostado e entendido bem o passo a passo para criação de um podcast de forma simples e prática. Agora é colocar a mão na massa e produzir com seus alunos, em sua escola, utilizando o espaço apropriado para desenvolver esta ação que envolverá os estudantes. O ideal é o espaço que chamamos “Sala de Inovação” ou Laboratório de Informática. Será a prática de uma “cultura maker”, ou seja, uma cultura de colocar “a mão na massa”, a teoria e a prática.

Partimos agora para apresentar uma proposta de atividades em uma sequência de exercícios propostos utilizando o podcast como ferramenta de oralidade em sala de aula e no ambiente escolar cooperando com a rotina da escola e a vida estudantil, além de favorecer a toda a comunidade escolar como fruto a prática da oralidade viva em ação.

## 5.2 Atividades Propostas na modalidade Oralidade:



### Atividade 1: Propaganda eleitoral nas eleições do Grêmio estudantil

Em equipes, os estudantes construirão um discurso oral para apresentar nas eleições do grêmio escolar. Cada equipe terá uma função dentro da chapa do grêmio para eleição. As chapas construirão suas propagandas eleitorais para eleição. Sugestão: Pode-se convidar membro do Tribunal Regional Eleitoral da cidade e/ou a Justiça Eleitoral para fazer a abertura orientando os candidatos de como proceder, o que pode fazer e o que não pode através de uma palestra sobre essas informações e cuidados aos candidatos, tanto orientando os candidatos, como os eleitores e toda a comunidade estudantil a votar consciente, realizando as melhores escolhas para colher bons frutos. Em cada chapa se formará as equipes, por exemplo, chapa 1: equipes: 1. Equipe do Esporte; 2. Equipe da Alimentação; 3. Equipe do Lazer; 4. Equipe Financeira, dentre outras. Sob a orientação do professor, cada chapa em suas equipes traçará planos, metas a serem atingidas e organizarão seus discursos para se apresentarem à comunidade estudantil realizando as propagandas orais nos intervalos escolares e tempos livres, além de cartazes

distribuídos pelos espaços da escola até o dia da eleição. No dia da eleição será tudo organizado para a votação com as urnas eletrônicas tendo como apoio todos os professores e a fiscalização das eleições por parte de membros do corpo docente e discente dentro das normas e do regulamento eleitoral. A votação poderá ser feita com cédulas de papel ou com computadores e urnas eletrônicas que simulam o processo eletrônico de votação.



## Atividade 2: Podcast eleitoral

Criação de um podcast com entrevista aos candidatos representantes de cada chapa na eleição escolar. Com a orientação do professor, os alunos entrevistadores ficaram no papel de repórter da rádio educativa da escola e farão o roteiro da entrevista com as perguntas aos entrevistados que serão outros alunos na função de representantes de cada chapa. Ao produzir o podcast será levado em consideração todos os fatores de produção de um podcast para que o trabalho seja um áudio de qualidade, nítido, limpo de ruídos, o mais acessível possível e da melhor qualidade de áudio produzida. O espaço e os equipamentos utilizados para gravação do podcast serão todos selecionados com cautela e sempre sob a orientação de educadores que acompanham e orientam os estudantes que serão os protagonistas de cada ação desse trabalho do início ao fim. O intuito é que os estudantes ponham em ação os seus discursos diante da situação real que se encontram, uma entrevista, e que assumam seus papéis zelando pela função que exercem, pela língua em uso e seus papéis sociais com postura séria, descontraída, autônoma, solidária, honesta diante de toda a comunidade escolar. Em seguida, esse trabalho realizado passará por revisão e ajustes necessários até ser finalizado e partir para etapa de divulgação tanto na escola, quanto nos meios de comunicação, por exemplo, nas redes sociais da escola (blog, rádio, Instagram, dentre outros meio

Passo a passo do trabalho:



1. Criar o tema, pensar no público-alvo, definir o formato e a linha editorial, pensar na estrutura do podcast, decidir a periodicidade e a duração, escolher o nome e a identidade visual para o podcast;
2. Produção do episódio: - Pesquisa sobre tema e convidados e escrita do roteiro;
3. Gravação: - Definir local da gravação dentro dos padrões necessário para que o áudio resulte limpo e de melhor qualidade e seleção dos equipamentos úteis a realização do trabalho;
4. Edição: - Editar o trabalho para torná-lo da melhor qualidade possível com o áudio produzido realizando os ajustes necessários e possíveis dentro das condições e realidades permitidas contando com o apoio das habilidades de docentes e discentes envolvidos e interessados em realizar tal trabalho;
5. Publicação e divulgação do trabalho produzido de preferência nas plataformas virtuais para apropriadas para áudio.



### Atividade 3: Roda de conversa

A cada capítulo trabalhado do livro didático (LD) tem um tema que é abordado do início ao fim do capítulo. Esse tema pode ser aproveitado e realizado de forma semanal, uma vez na semana, uma roda de conversa para leituras e conversas sobre o tema. O professor pode selecionar os textos na temática abordada com o auxílio e participação de estudantes interessados em participar sugerindo títulos para leitura e discussão na roda. Os estudantes ficam todos organizados em roda no chão sobre um tapete gigante, pode ser em sala de aula ou numa área aberta ao ar livre, no jardim da escola, por exemplo, e realizar esse momento. Os estudantes vibram

quando tem esses momentos diferentes e que eles saem da sala de aula, saem da rotina, é algo libertador. Eles, inclusive se propõem a participar, a ler e a opinar sobre a leitura de forma livre, autônoma, colaborativa, solidária, espontânea, feliz, entusiástica, incentivadora, motivadora.



### Atividades 4: Cerimonial escolar

O cerimonial é aquela atividade oral utilizada geralmente nas atividades escolares extrassala quando há os vários eventos na escola que envolve praticamente toda a escola ou boa parte dela. Como pode ser realizada essa atividade? Sob a orientação do (a) professor (a) uma dupla ou um casal de estudantes pode realizar o cerimonial nos eventos do tipo: Jogos escolares, Abertura da Feira de Ciências, Apresentação do Dia “D” da Leitura, Eleições do Grêmio, Abertura da festa Junina, dentre outras ações e eventos escolares que envolvam a comunidade escolar os estudantes podem assumir este papel de protagonistas usando a linguagem oral e seu discurso para abrilhantar os eventos promovidos pela escola. Isso incentivará aos estudantes e desenvolverá a postura, a fala em público, trabalhando a timidez, desenvolvendo a sociabilidade do estudante, o desinibir-se, a articulação com demais membros da escola entre eles estudantes e entre toda a comunidade.



### Atividade 5: Festa da Poesia

Para comemorar o dia da poesia, 21 de março, nada melhor que uma festa e nesta festa a declamação de poemas. Os poemas podem ser criados pelos próprios estudantes e/ou podem ser poemas pesquisados e selecionados pelos estudantes ou conhecidos dos estudantes e que eles desejam declamar em público nessa festa da poesia. Pode ser escolhido em consenso pela maioria onde se dará a festa e no espaço escolhido realizar

uma decoração ambiente para o momento deixando tudo bem mais poético e criativo, meio inspirador para a declamação de poemas de toda natureza e de variadas temáticas. Os estudantes ficarão à vontade para escolher e se preparar neste dia quanto aos aspectos relacionados ao ritmo, velocidade, entonação, tom, voz e demais elementos ao declamar com qualidade, com beleza, com vivacidade como exalam os poemas através das palavras dando vida, dando cor e forma despertando sensações, sentimentos e emoções a toda a comunidade escolar envolvida no evento, a quem participa e a quem assiste de alguma forma. Contudo haverá orientação do professor em cada detalhe.



## Atividade 6: Propaganda e marketing

Cada aluno individualmente poderá criar o seu produto e construir a sua propaganda. Poderá também ser feito em equipe, duplas ou trios. Podem juntos construir um produto ou serviço e oferecer à comunidade. Os estudantes ou o estudante poderá criar um produto inédito, confeccioná-lo e em seguida construir o marketing do produto criado. Após toda a confecção do produto e a criação do texto propagandístico, haverá uma feira de exposição dos produtos e a comercialização deles com o marketing produzido pelos estudantes para atrair os possíveis consumidores locais.



## Atividade 7: Diálogos da paz

Cada sala poderá escolher um membro estudantil que seja adequado a assumir a função de embaixador (a) da paz. A aceitação do estudante será de livre e espontânea vontade participar dessa ação. O objetivo desse ou dessa estudante é de promover a paz no ambiente escolar, mediar conflitos junto ao professor ou à professora, à gestão escolar, à coordenação e à toda comunidade escolar. Todas as ações serão construídas baseadas no diálogo,

na conversa franca tendo como pilar a cultura de paz e os valores da justiça restaurativa. Para estas ações sempre haverá formações para os professores que acompanham as ações para os estudantes que serão os embaixadores da paz e promotores do diálogo dentro do ambiente escolar para favorecer um ambiente escolar harmônico, de paz, de união, não um ambiente que não haja conflitos, porque sempre haverá, mas será para promover meios e formas de como melhor solucionar os conflitos através da conversa, do diálogo, da compreensão e do entendimento de todas as partes envolvidas.



## Atividade 8: Problemas e soluções

Para cada problema real de vida, o aluno deverá pensar na melhor solução para resolver tal problema. A seguir, colocaremos abaixo os tipos de problemas em que o aluno deverá pensar para resolver.

**Problema 1:** O estudante perdeu a chave do seu armário escolar que ele recebeu no início do ano, quando foi informado de que caso perdesse a chave pagaria por uma nova chave. Agora a chave foi perdida. O que fazer? O estudante deverá ir até o setor financeiro da escola e falar com o responsável do setor, que é o coordenador de finanças para fazer a comunicação da perda e buscar realizar o pagamento para receber uma nova chave e continuar utilizando o armário normalmente.

**Problema 2:** O estudante esqueceu em casa a autorização assinada pelos pais para participar da aula de campo fora da escola. A norma da escola é que no caso do aluno que não apresentar a autorização dada pela escola com a assinatura dos pais autorizando a participação do estudante na aula, ele não poderá participar, ficando na escola para as aulas normalmente. Diante da situação, o estudante busca uma solução porque ele deseja muito ir à aula de campo. Então ele busca a secretaria da escola para entrar em contato com a família afim de algum familiar deixar na escola a autorização.

Problema 3: O aluno chegou atrasado na escola muito após o horário de entrada para o início das aulas. Uma das regras da escola é que ao chegar atrasado para o início das aulas, o estudante deverá passar antes na secretaria para se explicar justificando o atraso e ser liberado apenas para assistir a partir da segunda aula.

Problema 4: O aluno se envolveu em conflitos com colegas no horário do intervalo na escola e foi chamado para conversa pela coordenação ou direção da escola. Nesse caso, o aluno será convidado a conversa individual e depois a conversa com todo o grupo de colegas envolvidos para contar as versões existentes de cada lado, ouvir cada um, os argumentos, os fatos e a solução para a questão em jogo.

Problema 5: Em um dia de chuva, o estudante acabou se molhando e não pôde permanecer usando a mesma farda durante o dia, porque se molhou completamente. Nesse caso, o aluno foi interrogado por quê estava sem farda. Logo ele justifica explicando a razão de estar apaisana por ter molhado a farda na chuva repentina ao chegar na escola.

Problema 6: O aluno participa de uma escola de tempo integral, onde ele passa todo o dia, precisa se alimentar da comida oferecida na própria escola, mas ele não colabora, leva alimentos escondidos, que não é permitido, deixa de comer a comida da escola, fica por muito tempo sem se alimentar e assim a escola nota e chama o aluno para conversar. O aluno usa argumentos que não têm poder nenhum de convencimento, assim a escola volta a dizer que se o aluno permanecer tendo a mesma atitude chamará sua família para conversar até encontrar solução adequada para a questão.

A seguir temos o projeto intitulado: A oralidade para além da sala de aula de Língua Portuguesa. Ação que movimenta a sala de aula e transforma de modo a ver o mundo de outras formas, com outros olhares e mudar o ensino, dando vez e voz ao nosso aluno. Esse projeto dará aos estudantes a oportunidade ímpar deles conhecerem vários espaços que eles jamais pensaram em conhecer, ou que já ouviram falar, ou viram na tv e não tiveram a oportunidade de conhecer.

## *A ORALIDADE PARA ALÉM DA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA*

*Linguagens - Língua Portuguesa – 8º e 9º - 30 alunos*

**RESUMO:** O presente projeto objetiva promover o estudo da teoria e a prática da oralidade através dos gêneros orais e escritos na escola, considerando os espaços sociais e as práticas discursivas envolvidas em seu uso e constituição. Dessa maneira, ofertamos aos estudantes um amplo repertório de textos e a compreensão dos aspectos contextuais que os constituem. Esses conceitos serão apreendidos a partir de interrogações do tipo: O que vem a ser o gênero oral? Para que tipo de público ele é destinado? Qual o objetivo de quem o produziu? A partir das perguntas, construiremos respostas com os estudantes tornando a compreensão dos gêneros algo mais palpável, concreto e de fácil entendimento. Este projeto foi planejado e será executado a partir da metodologia da sequência didática e gêneros (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004), unindo teoria e prática, à medida que os gêneros forem estudados, serão considerados também os espaços sociais e os usos dentro da comunidade escolar. Ao lado da teoria será desenvolvida a prática com a construção de trabalhos associados aos gêneros orais e escritos, tais como: declamação de poema, narração de jogo de futebol, teatro, produção de jogos, dentre outros. Ao final do projeto, esperamos realizar uma exposição e apresentação para mostrar a comunidade escolar a desenvoltura dos discentes ao representarem os gêneros e seus espaços de atuação. Portanto, desejamos contribuir para um melhor entendimento da relação entre texto e prática social discursiva, ampliando o repertório de textos conhecidos e praticados pelos estudantes, além de conscientizar a todos da importância de valorizar e praticar mais na escola os gêneros orais, a tradicional oral, muitas vezes esquecida e muito pouco praticada como são bastante difundidas a leitura e a escrita. A prática dos gêneros orais trará mais desenvoltura e determinação na vida acadêmica estudantil.

**Palavras-chave:** Gêneros orais e escritos. Campos de atuação. Produção de atividades.

## JUSTIFICATIVA

O ensino de gêneros textuais revela-se desafiador, e quando se trata de ensino de gêneros textuais orais ainda é mais desafiador, pois é sabido que o eixo da oralidade, conforme nomeia a BNCC, é um eixo pouquíssimo explorado na escola, em sala de aula. Esse eixo também compreende uma gama enorme de objetos, que para os estudantes do ensino fundamental não há uma direção concreta e um trabalho a ser desenvolvido e explorado.

Diante da realidade que nos cerca, do pouco uso e exploração dos gêneros orais, foi que surgiu a preocupação de se trabalhar e desenvolver um projeto voltado ao ensino e à prática desses gêneros tão úteis no meio escolar, quanto na comunidade e na sociedade como um todo. Dessa forma, o estudante seria contemplado com o eixo oral em sua prática escolar de forma consciente e ativa, desenvolvendo o protagonismo e a autonomia estudantil. Daí, a importância desse projeto para dar condições ao aluno de desenvolver suas habilidades discursivas orais em ação e atuação fazendo parte da história escolar de forma significativa.

Segundo Antunes (2003), aceitar o caráter interacional da oralidade e sua realização em diferentes gêneros e registros textuais leva o professor de português a intervir para que o trabalho com a oralidade tenha as características que passamos a enumerar: uma oralidade para a coerência global, uma oralidade para a articulação, para a diversidade de tipos e gêneros, para o social.

O presente projeto tem por objetivo unir teoria e prática ao abordar o conceito de gênero textual atrelado à sua função social, identificando os gêneros envolvidos nos diferentes campos de atuação e relacionando-os aos usos e funções dentro da sociedade e na escola, ou seja, para além da sala de aula.

**OBJETIVOS:** Compreender os conceitos e os usos dos gêneros orais e escritos no cotidiano escolar e nos campos de atuação.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar o repertório de gêneros orais dos estudantes;
- Conhecer e reconhecer o uso dos gêneros orais e escritos nas mais diversas formas de

atuação dentro e fora do contexto escolar;

- Perceber os gêneros orais e escritos como práticas discursivas que organizam e validam as ações sociais de cada espaço dentro e fora do contexto escolar.



Aliando a teoria e a prática buscamos tornar o ensino dos gêneros na escola mais concreto e acessível a compreensão dos alunos, fazendo sentido e construindo significado no fazer pedagógico diário. Assim sendo, essa metodologia foi pensada a partir da sequência didática e dos gêneros tornando acessíveis os conceitos abstratos que permeiam o estudo dos gêneros orais e escritos.

De acordo com a BNCC: “O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, ... Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação”.

(BRASIL, 2018, p. 76-77)

Ao relacionarmos texto, contexto e prática, compreendemos que essa experiência será de grande valia à comunidade discente, que de forma dinâmica participará da criação e do uso da estrutura textual escrita e oral para dar forma ao projeto com atividades as mais diversas possíveis, tendo a oportunidade de construir o conhecimento pautado na prática viva dentro da escola, podendo levar para além da sala de aula suas experiências adquiridas.

As aulas e conteúdos estão assim distribuídos:

Quadro 2 - Conteúdos

<b>Métodos</b>	<b>Conteúdos</b>
Aulas teóricas	Explicações sobre diferentes gêneros orais e escritos e campos de atuação; propósito comunicativo; graus de formalidade; espaços sociais e instituições em que estes circulam.
Aulas práticas	Produção de atividades práticas envolvendo uma gama diversa de gêneros orais e escritos: poema, debate, podcast, narração de jogo de futebol, conversa telefônica, diálogos formais e informais dentre outros.
Aulas de campo	Visita guiada a dois espaços sociais diferentes que mobilizam diferentes gêneros textuais. Exemplo: universidade e assembleia legislativa.
Culminância	Exposição e apresentação das atividades com os gêneros orais e escritos produzidas ao longo das aulas de Língua Portuguesa confeccionadas pelos próprios estudantes.

Os encontros referentes ao projeto ocorreram uma vez por semana, entre os meses de maio e novembro de 2023, tendo duração de 50 minutos cada. As atividades foram ofertadas para 30 estudantes do 8º e 9º ano, a fim de fornecer-lhes conhecimentos capazes de potencializar seu conhecimento e desempenho acadêmico dentro e fora da escola ao longo da vida escolar. Os estudantes interessados em participar puderam inscrever-se diretamente com a professora responsável pelo projeto de Língua Portuguesa ou na secretaria da escola. No ato da inscrição foram priorizados os estudantes com menor desempenho em Língua Portuguesa, porque são esses alunos que mais precisam de incentivo e avanço em sua carreira escolar.

As aulas foram ministradas pela professora de Língua Portuguesa autora deste projeto. Além disso, foram realizadas reuniões de planejamento e avaliação das ações empreendidas, nas quais estavam envolvidos a docente autora e a coordenação pedagógica da unidade de ensino.

Como culminância do projeto, foi oferecida à comunidade escolar uma exposição composta de trabalhos produzidos pelos alunos nos mais variados gêneros e seus campos de atuação, além de apresentações orais que representaram os gêneros orais. Espera-se que a visita à exposição e as apresentações possam despertar o interesse e a curiosidade do público em aprender mais sobre os gêneros e os espaços onde cada um atua, servindo como um recurso pedagógico e colaborando com o ensino de Língua Portuguesa de qualidade na

escola.

### - AVALIAÇÃO

A avaliação dar-se-á pela observação da interação dos estudantes nas atividades propostas em sala, na produção dos textos escritos solicitados, na produção dos textos orais e toda performance exigida para cada tarefa a ser desempenhada e ainda a produção de materiais tais como: jogos que incentivam, motivam e estimulam os estudantes à leitura e a produção de discurso seja oral, seja escrito. Todos esses trabalhos produzidos e as apresentações desenvolvidas farão parte da exposição final. Além disso, será construído um portfólio de todo o percurso realizado, do início ao fim do projeto, para comprovação e acompanhamento das atividades desenvolvidas.

Ao final desse percurso, esperamos contribuir para a ampliação do repertório de gêneros orais e escritos dominados pelos estudantes e para o esclarecimento da sua compreensão dessa prática discursiva abstrata, mas essencial em toda a sociedade. Como resultado, esperamos também um melhor desempenho na produção de atividades e materiais desenvolvidos pelos estudantes com o uso da criatividade e inovação, no que diz respeito à identificação dos gêneros orais e escritos e seus propósitos comunicativos.

### PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA

Item	Etapa de utilização	Qt.	Val. Unit.	Val. total
Papel officio A4 resma 500f	Produções textuais e outros	6 resmas	R\$27,50	R\$165,00
Cartolinas coloridas 150g	Para construção de cartazes e exposição das redações	2 pacotes	R\$13,99	R\$27,98
Fita gomada Scoth 3m	Fixação da exposição	2 unid.	R\$35,00	R\$70,00
Lápis de cor	Produção de trabalhos	3 caixas	R\$5,50	RS16,50

Papel crepom	Produção de trabalhos	3 pacotes	R\$13,77	R\$41,31
Papel adesivo com 25m	Construção de jogos	2 unid.	R\$81,92	R\$163,84
EVA 40x95	Acabamentos	10folhas	R\$5,88	R\$58,80
Papel Madeira	Construção de cartaz	10 unid.	R\$1,00	R\$30,00
Microfone BM800	Exposição oral	1 unid.	R\$268,50	R\$268,50
Fone de ouvido F-2000	Atividade oral	2 unid.	R\$57,00	R\$114,00
Jogo master perguntas e respostas	Dinâmicas e interação	1 unid.	R\$215,00	R\$215,00
Jogo: Qual é a palavra	Dinâmica oral e ação	1 unid.	R\$96,00	R\$96,00
Jogo de tabuleiro soletrando	Oralidade	1 unid.	R\$110,00	R\$110,00
Jogo master entretenimento	Ação e motivação oral	1 unid.	R\$110,00	R\$110,00
<b>Total</b>				<b>R\$1486,93</b>



<b>Atividade</b>	<b>Data</b>
Estudo dos gêneros do campo artístico literário e variação Linguística; Produção Textual Oral e Escrita.	Maio/Junho
Estudo dos gêneros do campo jornalístico midiático e propósito comunicativo; Produção Textual Oral e escrita; Aula de Campo.	Agosto
Estudos dos gêneros do campo da vida pública e graus de Formalidade; Produção Textual Ora e Escrita.	Setembro
Estudo dos gêneros do campo das práticas de estudo e pesquisa.	Outubro
Aula de Campo; Produção de portfólio	Novembro
Culminância do Projeto Boas Práticas	Dezembro

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

JANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 100.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da oralidade abrange um universo muito maior do que apenas o registro da sala de aula ou ao ambiente escolar, ou a situações do dia a dia das pessoas, ou da comunicação oral entre cada ser humano. Como vimos nesse trabalho, a oralidade vai além dos espaços limitados e muros escolares, ultrapassado pontes, cidades, países, com a ajuda ou não da tecnologia a oralidade está em ação. A nomenclatura adotada pela BNCC, de eixo da oralidade, fez com que essa modalidade aparecesse, entrasse em cena, construindo sua trajetória, ampliando seu espaço e as possibilidades de uso da língua e seus múltiplos usos nas mais diversas situações de comunicação e de práticas sociais no uso da linguagem.

O DCRC-For foi outro documento referencial que surgiu para firmar e fundamentar as bases da educação cearense fortalecendo o currículo educacional e trazendo autenticidade e protagonismo ao ensino. Um grande marco para a educação em nosso país e em nosso estado do Ceará.

Dessa maneira, é de suma importância tornar visto e expandir o ensino e as reflexões sobre a modalidade oral no ensino de Língua Portuguesa na educação básica e em especial no ensino fundamental, já que temos documentos como norteadores, e além deles, temos ainda a necessidade do uso da forma oral da língua por seus usuários.

A história da oralidade vem de muito longe. Ela é a forma mais antiga e natural de transmitir informações e estabelecer conexões entre as pessoas. Devemos muito à oralidade. Muitas das histórias passadas de geração em geração, de pais para filhos, de avôs para netos e assim a comunicação se perpetua ao longo do tempo e resiste ao passar dos anos, das décadas, dos milênios, das eras devido a esta prática milenar que perdura e resiste ao longo dos tempos.

Ao considerarmos o contexto da sala de aula, o trabalho do professor ainda precisa ser valorizado como era antes em todo o território brasileiro e a consciência do professor de desenvolver um trabalho diferenciado e com a mesma importância que é tratada as outras modalidades de ensino em Língua Portuguesa, além de desenvolver nos alunos a consciência de uso da oralidade e de aprendizagem e desenvolvimento dessa oralidade na escola e para além da escola, um preparo para o mundo lá fora e para toda uma vida, é apenas um ensaio e que é missão do professor desenvolver este aspecto com seus estudantes.

Porém, observamos as diversas dificuldades, inquietações, problemáticas a começar das exigências dos documentos, das necessidades exigidas pela escola, pelas secretarias de educação, pelos poderes públicos, pelos ministérios e uma gama de fatores que podem interferir e influenciar no trabalho da educação para tornar uma educação melhor, para fazer evoluir a educação no país. São muitas lutas que o professor trava ao longo da jornada profissional para vencer obstáculos e fazer com que a educação avance cada dia mais para uma educação pública de qualidade com altos índices de aprendizagem e de sucesso. Todas as conquistas não são fáceis, são realizações a base de muito trabalho e que esse trabalho se apresenta ao longo de anos, décadas de compromisso, de pesquisa e investigações científicas em busca de melhorar o trabalho na sala de aula. Apesar de tudo, é preciso acreditar na educação brasileira, seja ela estrutural, seja de ordem acadêmica, ou pedagógica, financeira ou curricular, há que ter esperança e continuar insistindo para a realidade ser transformada e chegarmos a um futuro promissor, de mentalidades novas e diferentes, conscientes de seu papel na educação e na vida.

Toda essa realidade nos inquietou e nos inquieta ainda, porque a consciência não se muda de uma hora para outra, ela se constrói aos poucos e a passos lentos, com parcimônia e trabalho árduo. Precisamos avançar em muitos aspectos educacionais para construir uma educação a nível nacional mais robusta, sólida, com profissionais mais participativos e mergulhados na atmosfera do mundo acadêmico perfazendo uma ponte entre a escola e a academia, sem muros, e regado a muito diálogo para uma nova construção da educação.

Pensando em tudo isso, apresentamos o nosso trabalho que foi pautado na teoria sociointeracional, no intuito de construir uma educação, interativa, dinâmica, cujo estudante se sinta parte do processo de ativa e autônomo, responsável pelo seu aprendizado e construtor da oralidade conforme sua necessidade de comunicação e interação. E assim se deu a pesquisa com nossos teóricos escolhidos e que contribuíram para que o trabalho fosse construído e consolidado até aqui, são os seguintes (Dolz; Schneuwly, 2004), por tratar dos gêneros orais em sala de aula, por trazer reflexões e sugestões de atividades e sequências didáticas e ainda por gerar discussões em torno do objeto de pesquisa – o que nos traz grandes contribuições no campo educacional e faz toda a diferença no ensino e aprendizagem.

Outro nome marcante em nosso estudo que trouxe grandes contribuições e ensinamentos (Marcushi, 2010) tratando sobre a teoria e conceitos pertinentes e fundamentais

para o desenvolvimento da pesquisa. Enquanto, (Antunes, 2003) nos traz muitas reflexões sobre o papel do professor na sala de aula, do uso da oralidade na aula de Língua Portuguesa, do papel de aluno e de professor, da realidade da educação brasileira dentre outros aspectos relevantes. Pesquisas que nos serviram como base e exemplo no uso de gêneros orais, como o debate foi o trabalho realizado por (Ferreira, 2014) e outras discussões importantes e orientações que nos auxiliaram na reflexão do tema em questão.

(Ramos, 1997; Fávero, 2007; Koch, 2007 E 2008; Travaglia, 2013) são também grandes autores que cooperam para o bom diálogo da nossa pesquisa acentuando cada vez mais a importância do oral na sala de aula e do ensinamento dessa prática na educação básica e nas aulas de Língua Portuguesa de forma viva e pulsante.

Continuamos com nossa proposta de pesquisa, tratando do livro didático que representa o nosso material de investigação, onde está contido o nosso objeto de pesquisa em forma de atividades orais organizadas em sessões como já apresentado ao longo do nosso trabalho e já descrito mais acima. A nossa análise foi realizada de forma cuidadosa observando cada atividade apresentada e foi a forma mais viável para se realizada tal trabalho com o que estava a nosso alcance de investigar e que faz parte da nossa realidade de educador e pesquisador. Infelizmente é o que temos, um dos únicos materiais que temos para explorar no ensino da educação básica e a partir dele buscar melhorar o ensino na modalidade oral.

Nota-se que o livro didático precisa sim sofrer alterações, trazer mais sessões que contenham atividades sobre o eixo da oralidade, sobre sugestões de atividades e materiais dentre outros recursos envolvendo a modalidade, dando um destaque merecido e enfatizando o ensino do aspecto oral.

Propomos duas ações, uma cartilha de como criar um podcast passo a passo com todas as dicas e mais informações sobre este gênero, em seguida, construímos e sugerimos uma série de atividades propostas na modalidade da oralidade de diversos tipos para pôr em prática o uso da língua, além de um projeto sobre oralidade para a sala de aula e além dela.

Por fim, concluímos o nosso trabalho de pesquisa e acreditamos que mais trabalhos com esse tema oralidade serão bem-vindos para contribuir para o crescimento da oralidade no ensino de língua e seu desenvolvimento na área da educação. Essa pesquisa suscita outros trabalhos, tais como: a oralidade nos livros didáticos dos anos iniciais, a oralidade em livros didáticos de outras disciplinas, o desenvolvimento da oralidade a partir

dos gêneros orais, o estudo dos gêneros orais na escola, os gêneros orais mais conhecidos e menos conhecidos ou desconhecidos, o mundo da oralidade, dentre outras infinitas ideias e interseção com outras áreas do conhecimento. Esperamos também que o nosso trabalho contribua para a pesquisa e reflexão de outros trabalhos científicos e para a própria prática da oralidade na escola e no mundo dos nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANGELO, C. M. P.; COSTA, L. T. da; e ANDRADE, S. de. Princípios para o ensino de oralidade na base nacional comum curricular. **Revista X**, v.16, n. 6, p. 1476-1492, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/Martha/Downloads/82236-334611-1-PB.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BOTLER, L. M. Á. R.; SUASSUNA, L. O tratamento das especificidades da modalidade oral da língua portuguesa no ensino fundamental II. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v.5, n. 9, jul./dez. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/Martha/Downloads/84-106.pdf. Acesso em 14/Ago. 2022.

CEARÁ. Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. **Documento Curricular Referencial de Fortaleza: Incluir, educar e transformar (DCRFor)**, vol. 3: Linguagens. Fortaleza: SME/FGV-DGPE/UNESCO, 2024.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: Ana Maria S. Zilles; Carlos Alberto Faraco. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 19-30.

FÁVERO, L. L. ANDRADE, M. L. C.V.O.; AQUINO, Z. G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, E. C. F. **A oralidade como objeto de ensino: por uma perspectiva de ensino da língua oral a partir do gênero debate**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FOGAÇA, J. **Pesquisa-Ação**. Equipe Brasil Escola. <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm> - disponível em 23 set. 2024.

GERALDI, J. W. Ensino de gramática x reflexão sobre a linguagem. In: GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino – exercícios de militância e divulgação**. Campinas: ALB/ Mercado das Letras. 1996, p. 129 –136.

GOULART, C. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2005.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica**, 9:119-145, jan./dez. 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES, T.; LACERDA, A. P. de O. **Concepções e práticas de oralidade na escola básica na perspectiva dos docentes**. Periódico Horizontes – USF – Itatiba, SP-Brasil. Disponível em: file:///C:/Users/Martha/Downloads/664-Texto%20do%20artigo-2426-2325-10-20190328.pdf – Acesso em 14 ago. 2022.

MARTINS, T. N. S. G. de O. **Oralidade com objeto de ensino: um estudo sobre o uso público do oral em contextos escolar e extraescolar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português deve saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 7º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

ORALIDADE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oralidade/>. Acesso em: 14 ago.2022.

RAMOS, J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RODRIGUES, L. P.; DANTAS, M. Aparecida Calado de Oliveira. Gêneros orais e ensino: entre o dito e o prescrito. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, n.2, p. 137-153, dez 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Martha/Downloads/102984-Texto%20do%20artigo-191884-1-10-20151127.pdf – Acesso em 25 jul.2022.

ROJO, R.; SCHNEUWLY, B. **As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica**. Linguagem em Discurso. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. 31 p. v. 6. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/linguagem\\_discurso/article/view/346](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/linguagem_discurso/article/view/346). Acesso em 25 jul.2022.

SERAFIM, M. de S. Da Teoria à Prática: um Olhar sobre a oralidade na sala de aula. **Revista Internacional d'Humanitats**, v. 21 jan-jun 2011

SILVA, F. A. de A. **Oralidade e ensino de Língua Portuguesa: o gênero seminário em sala de aula**. 2018. Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2018.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização por R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. et al. Gêneros orais – conceituação e caracterização. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf>- Acesso em 25 jul.2022.